PEDRO SILVA
HISTÓRIA E MISTÉRIOS
DOS
TEMPLÁRIOS
EDIOURO

Os Cavaleiros Templários foram uma organização religiosa e militar criada na Idade Média a fim de defender os cristãos dos ataques muçulmanos, quando os fiéis seguidores de Cristo peregrinavam à Cidade Santa de Jerusalém. Os Templários foram monges e guerreiros, ao mesmo tempo. Como monges, faziam votos de pobreza, castidade e obediência; como guerreiros, tornavam-se beligerantes na defesa da fé cristã e de seus seguidores, quando necessário. A organização funcionou em um espaço no Templo de Salomão, o *Templum Salomonis*, daí adveio o nome pelo qual seus membros ficaram mais conhecidos: "Os Templários".

Neste estudo, Pedro Silva nos revela dois séculos de história templária, a qual teve seu início em 1119, com a fundação da Ordem por Hugo de Payns e mais oito cavaleiros, e sua extinção em 1312 pelo papa Clemente V. Durante sua existência, com as vultuosas doações em terras, propriedades e

dinheiro concedidos por reis e monarcas, a Ordem prosperou em riqueza e prestígio. Por ter sido uma organização multinacional, em Portugal, o rei Dinis não permitiu a sua extinção, fundando outra, a Ordem de Cristo, que teve atuação decisiva não só na consolidação do território português, com a expulsão dos mouros, mas também no grande empreendimento que foram as navegações portuguesas e, por conseguinte, o descobrimento do Brasil.

Mais do que português, o autor é tomarense, ou seja, vive em Tomar, a cidade templária por excelência. O leitor brasileiro reconhecerá a importância histórica dessa cidade pela leitura de um capítulo inteiro destinado a ela: sua origem, fundação e a magnífica arquitetura nela praticada pelos misteriosos cavaleiros.

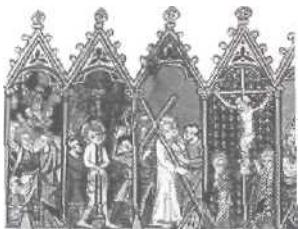
Na ficção, Pedro Silva também tem contos publicados e premiados pelo Jornal *Correio da Manhã* (Portugal) e pela Escola Preparatória de Tomar.

HISTÓRIA E MISTÉRIOS
– DOS –
TEMPLÁRIOS

PEDRO SILVA

HISTÓRIA E MISTÉRIOS
– DOS –
TEMPLÁRIOS

DEDICATÓRIA

Do fundo do meu coração,
dedico a presente obra a meus
pais e a meu irmão.

SUMÁRIO

Breve Nota Introdutória

1. Nascimento da Ordem

2. Fundamentos Teóricos

2.1. Regra

2.2, Organização

2.2.1.Rituais de Iniciação

2.2.2.Hierarquia

2.2.3.Templo

2.2.4.Simbologia

3. História da Ordem do Templo

4. Presença em Portugal

4.1.Ordem do Templo

4.2.Ordem de Cristo

5. Portugal - Brasil: unidos pelos Cavaleiros Templários

6. Tomar

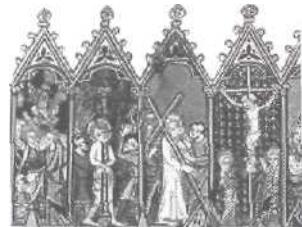
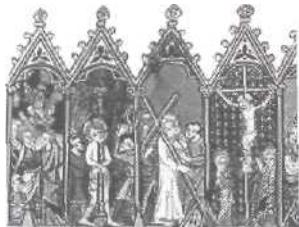
7. A Ordem do Templo e sua Transformação

8. Grão-mestres do Templo

9. Fontes

10. Agradecimentos

11. Bibliografia

BREVE NOTA INTRODUTÓRIA

A Ordem dos Cavaleiros Pobres de Salomão, como era conhecida na segunda década do século XII, já despertou o interesse de muitos historiadores, haja vista a vasta literatura existente. Desejamos, contudo, neste trabalho, oferecer aos leitores conhecimentos sobre o que ela também representou em Portugal, seus feitos e seu inegável legado histórico para o Brasil. O presente estudo, a que nos propusemos, baseou-se em dois princípios fundamentais: objetividade e concisão. A bibliografia selecionada reúne documentos fidedignos, cujos autores são de reconhecida notoriedade. Teve-se o cuidado de não se deixar levar pela probabilidade dos fatos históricos, mas acatar, ao contrário, a veracidade deles. Há também verdade na ficção ao se romancear histórias, tornando-as mais pitorescas e de grande aceitação. O tratamento não-ficcional, entretanto, foi o adotado por nós para desenvolvermos o tema. Embora o autor seja português e viva em Tomar, a cidade templária por excelência, manteve-se a isenção necessária para a elaboração de trabalho de cunho científico a fim de que o leitor pudesse formar sua própria opinião.

Enfim, o que se pretendeu, principalmente, foi fazer um resumo histórico dessa Ordem Militar e Religiosa tão importante na Idade Média e sua decisiva participação na consolidação do território português e particularmente incentivadora do descobrimento do Brasil. O presente livro é fruto de pesquisas realizadas em Portugal por autor sem qualquer ligação direta com ordens religiosas, honoríficas ou de mérito. Se porventura alguma ligação houver, esta é a que trazem os portugueses, involuntariamente, em suas veias: a influência dos Cavaleiros Templários.

1

NASCIMENTO DA ORDEM

> "Pois, em verdade, eu vos digo, se um dia tiverdes fé do tamanho de um grão de mostarda, direis a esta montanha: 'Passa daqui para acolá' e ela passará. Nada vos será impossível."
>
> Mateus, 17:20

Ao tratarmos da notável história dos Templários é necessário que se compreenda a Idade Média no século XI, no tempo das Cruzadas. O homem medieval era essencialmente religioso e, na Europa Ocidental, um fiel servidor de Deus e da Igreja. Embora estivesse sob o domínio do Senhor Feudal, esse homem não se autodefinia como um inglês, francês ou alemão, mas como cristão, tão grande *era* o domínio universal da fé. Como as nações ainda não existiam, não poderia existir também igrejas nacionais. Para a Igreja Romana, as Cruzadas representaram a expansão do cristianismo. O combate ao infiel muçulmano e a reconquista da Cidade Santa de Jerusalém foram incentivados pela Igreja. O papa Urbano II estava preocupado com os ataques e molestamentos dos cristãos que eram oprimidos ao se dirigirem à Cidade Santa. Exortou-os, então, a lutarem contra os inimigos de Cristo e prometeu a todos os que se empenhassem nessa causa a concessão de indulgências. O uso da violência incentivado pelo Papa foi defendido por São Bernardo, abade de Clairvaux, o qual refutou as críticas dos clérigos ortodoxos, segundo as quais o derramamento de sangue era vedado àqueles que desejassem ingressar em ordem clerical. Eis a sua exortação dirigida aos Cavaleiros do Templo:

Papa Urbano II, 1099

"Na verdade, os cavaleiros de Cristo travam as batalhas para seu Senhor com segurança, sem temor de ter pecado ao matar o inimigo, nem temendo o perigo de sua própria morte, visto que causando a morte, ou morrendo quando em nome de Cristo, nada praticam de criminoso, sendo antes merecedores de gloriosa recompensa. Assim, sendo, por Cristo! E então, Cristo será alcançado. Aquele que em verdade, provoca livremente a morte de seu inimigo como um ato de vingança mais prontamente encontra consolo em sua condição de soldado de Cristo. O soldado de Cristo mata com segurança e morre com mais segurança ainda. Serve aos seus próprios interesses ao morrer e aos interesses de Cristo ao matar! Não é sem razão que ele empunha a espada! É um instrumento de Deus para o castigo dos malfeitores e para a defesa do justo. Na verdade, quando mata um malfeitor, isso não é um homicídio, mas um *malicídio* [sic][1] e ele é considerado um carrasco legal de Cristo contra os malfeitores."[2]

Saint Bernard de Clairvaux na Crônica de Nuremberg

Com essa doutrina, as célebres Cruzadas passaram a ser apoiadas por todos os líderes máximos da Igreja contra os infiéis muçulmanos. Existia na Idade Média uma idéia de bravura que vinha diretamente de ordens religiosas como as dos *Jom-Vikings,* cuja disciplina *era* mantida à custa de mil provações e tinham como maior ambição a morte em combate. Corroborando essa idéia, a Igreja tentou incuti-la em seus fiéis. Um guerreiro cristão deveria ser piedoso, afável, solícito e preferir a morte à desonra, porque esta carecia de defesa própria. Votos de castidade, bênção de armas e promessas de descanso eterno, caso morressem na defesa de um ideal, eram algumas das indulgências concedidas ao cavaleiro cristão. 0 Papa Gregório VII criou, até mesmo, um exército papal chamado *Militia Sancti Petri,* com o objetivo de disputar uma guerra santa.

[1] Segundo São Bernardo em seu Tratado De *laude novae militae (Em louvor da nova ordem de cavalaria),* escrito para dirimir dúvidas no espírito dos Templários, Pears Paul Read em Os *Templários,* p. 114-115, nos esclarece que o homicídio, o que era mau, transformava-se em malicídio, o que era bom, isto é, no homicídio do mal.

[2] Cf. Peter Partner, 0 *assassinato dos magos: os templários e seu mito.* Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

Quando em 1099, os cavaleiros das cruzadas reconquistaram Jerusalém — a Cidade Santa por excelência —, bem como outros lugares santos, em regiões próximas ao Oriente, numa guerra sangrenta, na qual setenta mil pessoas morreram e que durou três dias, recobrou-se a fé cristã. Conforme relato de um cronista muçulmano, esse massacre aconteceu na mesquita de al-Aqsa, na qual suas vítimas eram "imãs (espécie de puxadores de reza) e estudantes muçulmanos, homens devotos e ascetas que abandonaram suas terras de origem para viverem na Terra Santa em piedade e reclusão".[3] Desde então, deram-se início as conquistas religiosas, por meio de armas, por todo o Oriente. E isso só foi possível por causa do papa Urbano II, mentor fundamental dessa estratégia, ao solicitar a defesa intransigente da cidade de Jerusalém. Em 1100, Balduíno I sucedeu ao seu irmão, tornando-se rei e senhor da Cidade Santa. Havia o perigo constante exercido pelos muçulmanos em promover novas guerras e invasões a Jerusalém e ataques aos peregrinos que se dirigiam a ela. Com o sistema de arrecadação de tributos desestabilizado, todo o sistema de defesa existente enfraqueceu-se. Havia cerca de quatrocentos anos que o reino tentava se libertar do domínio muçulmano, mas, devido a todos esses fatores negativos, nunca o território fora considerado totalmente cristão.

Papa Gregório VII, 1805

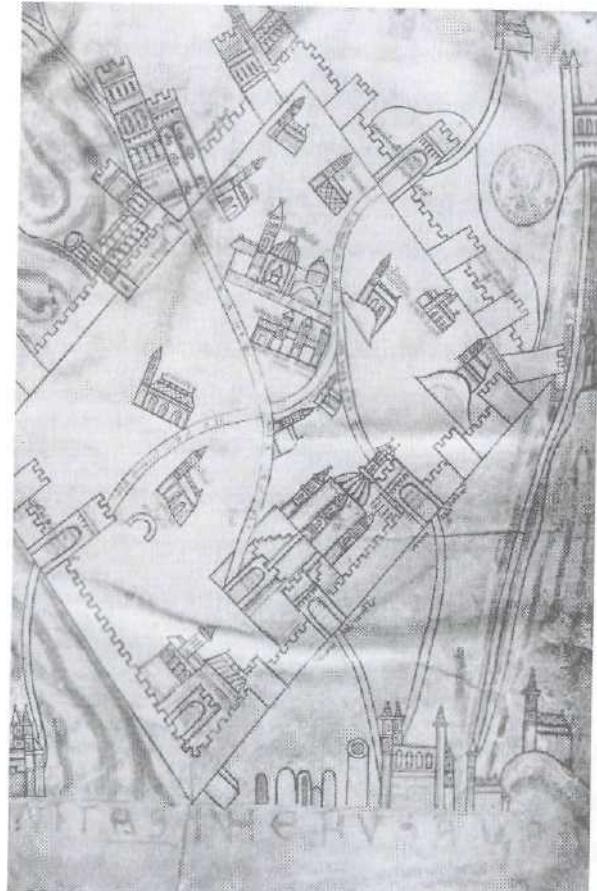
Durante os anos seguintes, vários conflitos irromperam em locais que se mantiveram em permanente alerta, a fim de defenderem as possessões que, de repente, podiam ser conquistadas pelo inimigo. Mesmo as mais imponentes fortalezas não resistiram às vagas sucessivas de exércitos sedentos de vingança. Jerusalém estava isolada ao redor de territórios controlados pelos mouros e se tornara cobiçada por causa da sua importância histórico-religiosa, que, mesmo durante o domínio muçulmano, nunca deixara de ser o local preferido de peregrinação cristã.

---

[3] Ricardo da Costa. *A mentalidade de cruzada* em *Portugal* (on line) Disponível na Internet:: http://www.ricardocosta.com/artigos.html. Arquivo consultado em 7 de fevereiro de 2001. Excerto traduzido pelo autor de *Arab Historians* of *the crusades*. Gabriel, Francesco (sel.). London: Routledge & Kegan Paul, 1984. Paul, 1984.

A reconquista régia durante o século XI

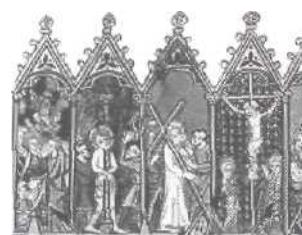
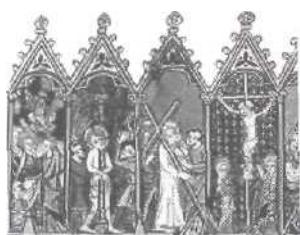
Nela a Igreja do Santo Sepulcro reportava os fiéis à ressurreição de Cristo. Em 1118 já sob o domínio cristão, os caminhos que davam acesso aos locais da fé eram bastante perigosos, por causa de emboscadas constantes praticadas pelos mais diversos tipos de malfeitores, salteadores e estupradores que viviam em cavernas nas colinas da Judéia e aguardavam o desembarque de peregrinos em Jafa ou Cesaréia. Um dos locais da fé bastante trilhado pelos peregrinos ficava a leste de Jericó, no rio Jordão, onde muitos cristãos eram rebatizados em suas águas. Atos criminosos eram praticados por saqueadores sarracenos e bandoleiros beduínos contra os que peregrinavam entre a costa marítima e a cidade, fatos comprovados por documentos da época que descreviam os caminhos repletos de corpos humanos insepultos já em estado avançado de decomposição. Motivados, em princípio, pela defesa desses caminhos, eis que surgiu então um grupo de cavaleiros cristãos o qual foi formado primeiramente por três grandes personalidades da França: Hugo de Champagne, Hugo de Payns e São Bernardo. Em 1114, o nobre Hugo de Champagne, dono de um dos mais valiosos conjuntos de possessões na França, deslocou-se por um breve período entre o Oriente e a sua terra natal, na qual se encontrou com São Bernardo, um fervoroso seguidor de Santo Agostinho de Hipona, cuja doutrina justificava o uso da violência, quando praticado em legítima defesa. Essa doutrina foi absorvida pelo pensamento papal a fim de que os peregrinos também fossem armados e capazes de se defenderem dos sarracenos. São Bernardo era um clérigo de capacidade intelectual invejável e de um profundo sentimento religioso, superando com esses méritos os seus pares. Hugo de Champagne manteve com ele diálogos tão esclarecedores e transcendentes, a ponto de os estudiosos não duvidarem de que ambos lançaram os fundamentos do regimento da futura ordem. Antes de abandonar a Europa, Hugo de Champagne ofereceu a Abadia de Clairvaux a São Bernardo. Já no Oriente, Hugo de Payns, vassalo de Hugo Champagne, surgiu como o último vértice do triângulo fundamental nos primórdios da constituição da ordem religiosa. Hugo de Payns, com o poder e o apoio de seu senhor, também tornou-se amigo de São Bernardo e

profundo conhecedor de sua doutrina e obra, as quais lhe causaram profundo sentimento religioso e repúdio aos crimes cometidos contra os peregrinos. Em 1118, juntamente com Godofredo de Saint-Omer, outro valoroso cavaleiro, resolveram fundar uma ordem religiosa e militar conhecida por *Pauperes Commilitiones Christi Templique Salomonis,* ou seja, "Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão", e passaram a ser chamados sucessivamente de "Os Pobres Soldados de Jesus Cristo e do Templo de Salomão", "Os Cavaleiros do Templo de Salomão", "Os Cavaleiros do Templo", "Os Templários", e finalmente "O Templo". Adotaram a divisa *Non nobis, Domine, non nobis sed nomini tuo da gloriam,* "Não para nós, Senhor, não para nós a glória, mas só em teu Nome".

Alguns meses depois, juntaram-se a eles outros cavaleiros: Geoffroy Bisot, Payen de Montdidier, Archambaud de Saint-Aignan, André de Montbard (tio de São Bernardo), Gondemar e Jacques de Rossal. Este pequeno grupo foi recolhido por Balduíno I numa das mais modestas acomodações do *Templum Salomonis* (Templo de Salomão), em Jerusalém, e teve inicialmente como objetivo a proteção dos peregrinos e como votos iniciais a pobreza, a castidade e a obediência. Quando, algum tempo depois, o rei Balduíno I abandonou o Templo de Salomão, este não se eximiu de oferecer a totalidade das instalações àquela ordem religiosa e militar, derivando daí o nome pelo qual passou a ser comumente conhecida: Ordem do Templo, composta por nobres cavaleiros dispostos a defenderem a fé cristã com a própria vida. Para eles a fé inabalável em Deus e a disposição em defendê-la até com o uso da violência não causavam nenhum drama de consciência, nenhuma contradição que os dissuadisse desse intento, embora a exortação de Jesus Cristo fosse oferecer a outra face, fundamento cristão pregado pela Igreja primitiva. No entanto, era preciso considerar o momento histórico de então, quando havia a necessidade imperiosa de defesa da Igreja perante uma fé muçulmana sempre baseada na força. Nesses cavaleiros estava incutida a idéia de que matar em nome de Deus era justificável e de que morrer por Ele, santificável.

Dois anos depois, em 1120, o rei de Jerusalém elaborou nova forma de combater a ameaça muçulmana; ou seja, pela primeira vez a cidade de Jerusalém seria protegida pela construção, de uma enorme muralha para fortalecer a sua defesa. Medidas tarifárias em relação aos alimentos também foram tomadas, isentando-os de qualquer taxa com o objetivo de povoá-la pelos cristãos. Torná-la mais atraente era o objetivo, e a presença

da Ordem do Templo era o meio de alcançá-lo. Não se obteve, contudo, sucesso nessas medidas, pois tanto a presença dos cavaleiros Templários quanto as políticas revelaram-se ineficazes.

Diante disso, e vendo os anos se passarem sem qualquer alteração no rumo dos acontecimentos, o mestre da Ordem, Hugo de Payns, decidiu deslocar-se para o Ocidente, em 1126, a fim de recrutar cavaleiros europeus. Numa série de viagens e servindo-se de diversos contatos estabelecidos através da personalidade de São Bernardo, Hugo obteve resultados animadores. Os cronistas, com certo exagero, divulgaram que ele conseguira mais adeptos do que o Papa Urbano II para a Primeira Cruzada. Documentos públicos comprovavam que muitos nobres ou venderam seus bens ou levantaram empréstimos a fim de participarem de uma cruzada. Numa carta de encorajamento dirigida aos cavaleiros Templários em Jerusalém, Hugo tentou incutir neles a idéia de uma espécie de renascimento da Ordem, através da repetição da mensagem principal, ou seja, a de serem monges-guerreiros, inspirados pelas Escrituras Sagradas.

Plano da Jerusalém latina; o *Plano de Cambrai,* 1150

Graças ao apoio bem-sucedido de São Bernardo, em janeiro de 1128, o Concílio de Troyes reuniu-se com o objetivo de analisar as pretensões de Hugo de Payns e de André de Montbard. Entre os membros do Concílio contavam-se, entre outros, Bernardo, o abade de Clairvaux, o núncio do papa e os arcebispos de Reims e Sens. Precisamente pela decisão dessas personalidades da Igreja por ordem do Papa Honório e de Estêvão, patriarca de Jerusalém, foi criada uma norma como diretriz de atuação para a Ordem, sendo-lhes atribuído o hábito branco. Esse foi o melhor apoio que a Ordem poderia receber, na Idade Média, porque ela deixou de ser

uma organização clandestina para ganhar notoriedade e reconhecimento pela Igreja Católica.

2

FUNDAMENTOS TEÓRICOS

"Combate o bom combate da fé, conquista a vida eterna à qual foste chamado, como o reconheceste numa bela profissão de fé em presença de numerosas testemunhas. Trava a luta excelente da fé, apega-te firmemente à vida eterna para a qual foste chamado e fizeste uma excelente declaração pública diante de muitas testemunhas."

1 Timóteo, 6:12

Um cavaleiro templário

2.1. Regra

A *Regra* era uma norma de regimento interno da Ordem, com setenta e dois artigos, acrescidos de mais quatro na tradução francesa, a qual foi essencialmente elaborada por São Bernardo, o patrono dos Templários e também organizador da Ordem Cisterciense. Através da obra de Henri de Curzon,[4] podemos observar alguns excertos fundamentais da também apelidada *Regra Latina,* apresentada e aprovada pela Igreja no Concílio de Troyes, em 1128. Em seu artigo 2.°, o prólogo da *regra,* não tinha nada de bom, pois São Bernardo definiu o perfil do cavaleiro ao criticar o estado em que se encontrava a cavalaria, por terem os cavaleiros subvertido as suas verdadeiras atribuições:

"Eles desprezavam o amor à justiça que era pertinente a seu papel, e não faziam o que deveriam. Em vez de defender os pobres, as viúvas, os órfãos e a Igreja, competiam para estuprar e matar."

Subentende-se que tenha havido um ideal de Cavalaria que os Templários gostariam de restaurar. Ainda nesse prólogo, esses valores perdidos eram enfatizados:

> "Acima de todas as coisas quem quer que sejais um cavaleiro de Cristo, que escolhais apenas assuntos sagrados, vós que fizestes o juramento deveríeis acrescentar puro zelo e firme perseverança que são valiosos e sagrados e reconhecidos como virtudes elevadas, de modo que, se cumprirdes isso em toda a vossa pureza e eternidade, sereis digno de fazer companhia aos mártires que deram suas almas por Jesus Cristo."

Todo o restante da *Regra* seguiu a diretriz de seu prólogo, na qual expôs-se o novo conceito de Cavalaria de Cristo.

> "Falamos, em primeiro lugar, àqueles que secretamente menosprezam a sua própria vontade e que desejam, de coração puro, servir o rei soberano como cavaleiro (...) Nesta ordem religiosa floresceu e revitalizou-se a ordem da cavalaria.

---

[4] Henri de Curzon, *La règle du temple,* Paris: Librarie Renouard, 1986.

(...) Se algum cavaleiro secular, ou qualquer outro homem, deseje abandonar a massa de perdição e essa vida secular e pretenda escolher a nossa vida comunal, não consintais em recebê-lo imediatamente, pois assim disse o meu senhor São Paulo: *Probate spiritus si ex Deo sunt.* O que significa: 'Testai a alma para ver se vem de Deus'.

(...) Onde vós sabeis que existem cavaleiros excomungados para ser congregados, então comando-vos que ides; e se algum desejar ingressar na ordem de cavalaria de regiões ultramarinas, não devereis considerar nada mais valioso que a eterna salvação da sua alma.

(...) Apesar de a regra do Santo Padre permitir a recepção de crianças, nós não vos aconselhamos a fazer isso. Aquele que desejar oferecer eternamente a sua criança à ordem de cavalaria, deverá primeiro educá-la, até que ela possa segurar armas com vigor e libertar a terra dos inimigos de Jesus Cristo.

(...) Nós ordenamos que os hábitos de todos os irmãos deverão ser de uma só cor: branca, preta ou castanha. E garantimos a todos os irmãos cavaleiros no inverno e no verão, se possível, um manto branco; e a ninguém, que não pertença aos denominados Cavaleiros de Cristo, será permitido envergar o manto branco, para que aqueles que abandonarem a vida de escuridão se reconheçam mutuamente como tendo-se reconciliado com o Criador através do símbolo dos hábitos brancos, os quais significam pureza e castidade completas.

(...) Proibimos o uso de sapatos pontiagudos e cadarços a qualquer irmão (...) Pois essas abomináveis coisas são manifestamente bem conhecidas dos pagãos. Nem deverão usar o seu cabelo ou os seus hábitos demasiado compridos.

(...) Durante o almoço e o jantar, no convento, é obrigatória a leitura das Escrituras Sagradas (...) Deverá ser suficiente para vós comer carne três vezes por semana.

(...) 'A vida e a morte estão á mercê da língua'. E, durante o diálogo, proibimos palavras vãs e gargalhadas insolentes.

(...) O Mestre poderá oferecer, a quem quer que o agrade, o cavalo, a armadura ou qualquer outro objeto, cujo dono não deverá

ficar aborrecido ou irritado: pois estejais certos de que, se o seu dono assim proceder, ele estará em desacordo com Deus.

(...) Deixai apenas aqueles irmãos, os quais o Mestre julga saberem dar conselhos úteis e benéficos, serem chamados ao Concílio; pois assim ordenamos e que ninguém seja escolhido de outra forma. Porque quando desejar-se tratar de assuntos sérios, como a dádiva de uma terra comunal, ou assuntos domésticos, ou receber um irmão, se o Mestre o desejar, é apropriado que reúna a congregação inteira para ouvir o conselho de todo o capítulo; e aquilo que parecer ao Mestre ser o melhor, deixai que ele o faça.

(...) Irmãos que sejam enviados para diversos países no mundo deverão esforçar-se por manter os desígnios da Regra de acordo com a sua habilidade e viver sem mácula no que diz respeito à carne, vinho etc., a fim de que as suas ações sejam bem-vistas pelas pessoas alheias à Ordem (...) E, se possível, a casa onde dormem e se encontram instalados não deverá estar sem luz durante a noite, a fim de que os inimigos na sombra não sejam tentados a praticar atos de malvadez, algo de que Deus os proíbe.

(...) Cada irmão deverá proceder de modo que um irmão não incite outro irmão à cólera ou fúria, pois a piedade soberana de Deus tem em igual conta os irmãos fortes e fracos, em nome da caridade.

(...) A fim de executarem seus santos deveres e obterem a glória do regozijo do Senhor e de escaparem do medo do fogo do inferno, é conveniente que todos os irmãos professos obedeçam estritamente a seu Mestre. Pois nada é mais caro a Jesus Cristo do que a obediência. Pois assim que algo é ordenado pelo Mestre ou por aquele a quem o Mestre deu autoridade, deve ser feito sem demora, como se o próprio Cristo o tivesse ordenado.

(...) Sem permissão do Mestre ou de seu representante, não permitais que nenhum irmão possua uma mala ou saco fechado a cadeado (...) Não deixeis que possua cartas de familiares ou de outros; mas, se ele tiver permissão e se for essa a vontade do Mestre ou do Comandante, deixai que lhe sejam lidas as cartas.

(...) Se qualquer irmão, num ato de leitura ou de combate, ou de qualquer outra forma, cometer um pequeno erro, ele próprio deverá reportar o seu erro ao Mestre, que o emendará de coração puro.

(...) Nós ordenamos-vos, por concílio divino, a evitar as pragas da inveja, do rumor, da ofensa e da calúnia. Assim, todos deverão zelar para cumprir aquilo que o apóstolo disse: *Ne sis criminator et susurro in populo.* O que significa: "Não acuses ou maltrates o povo de Deus".

(...) Cada irmão cavaleiro deverá possuir três cavalos, e não mais, sem a permissão do Mestre, devido à grande pobreza que existe presentemente na casa de Deus e do Templo de Salomão.

(...) Nós, coletivamente, proibimos qualquer irmão de caçar um pássaro com outro pássaro. Não é de bom tom que um homem religioso ceda a prazeres (...) A proibição anteriormente mencionada não se aplica à caça ao leão, pois este movimenta-se em busca de tudo o que consiga devorar, as suas garras estão contra todos os homens, portanto, que as mãos de todos os homens estejam contra ele.

(...) Vós, que haveis abandonado os prazeres de riqueza deste mundo, sois acreditados como tendo dedicado vossas vidas à pobreza; como tal, resolvemos que vós, que viveis uma vida comunal, devereis receber dízimos.

(...) Nós ordenamos, mercê de conselho pio, que os irmãos fracos e idosos deverão ser honrados com diligência (...) Deixai os irmãos doentes ser tratados com consideração e servidos de acordo com as palavras do evangelista e de Jesus Cristo: *Infirmus fui et visitastis me.* O que significa: "Eu estive doente e tu visitaste-me". (...) Quando um irmão passa da vida para a morte, algo a que ninguém é exceção, ordenamos-vos que canteis uma missa pela sua alma, com um coração puro.

(...) [Cavaleiros seculares] Aqueles que servem por piedade e que permanecem entre vós por períodos determinados são cavaleiros da casa de Deus e do Templo de Salomão; (...) Ordenamos aos cavaleiros seculares que desejem de coração puro servir Jesus Cristo e a casa do Templo de Salomão por um período determinado, que comprem um cavalo seguro e armas adequadas e tudo o mais que seja necessário para tal serviço.

(...) Aos escudeiros e sargentos que desejem servir a caridade na casa do Templo para a salvação das suas almas e que, por um período determinado, venham de diversas regiões, afigura-se-nos essencial que os seus compromissos sejam recebidos, para que o invejoso inimigo não

coloque nos seus corações o arrependimento ou a renúncia às suas boas intenções.

(...) Se um homem casado solicitar admissão à fraternidade, benefício e devoções da casa, permitimos-vos que o recebais nas seguintes condições: após a sua morte, que nos deixai uma parte das suas posses referente à totalidade daquilo que conseguiu após a admissão. (...) Mas ele não deverá usar hábitos ou mantos brancos; além disso, se o senhor falecer antes da sua esposa, os irmãos deverão ficar com parte dos seus bens e deixar o resto à sua senhora.

(...) A companhia de mulheres é algo perigoso, pois através delas o velho diabo desencaminhou muitos do caminho certo ao Paraíso. Como tal, não permitais que sejam admitidas senhoras como irmãs na casa do Templo (...) Acreditamos ser perigoso olhar demasiado para a face de uma mulher. Devido a isso, ninguém deverá beijar uma mulher, seja ela viúva, menina, mãe, irmã, tia ou qualquer outra.

(...) Todos os mandamentos mencionados e escritos anteriormente nesta Regra estão à discrição e julgamento do Mestre."

2.2. Organização

2.2.7. *Rituais de Iniciação*

Tal como noutros agrupamentos de pessoas onde o esoterismo possui uma presença forte, a iniciação,[5] ou seja, a passagem do profano "para outro mundo" é obrigatória, pois torna o homem melhor, superior aos demais. Na verdade, seria impensável uma Ordem que se autodefinisse como religiosa e militar, e criada com a finalidade de velar pelos interesses superiores da Igreja, admitir como um de seus integrantes pessoa despreparada ou desqualificada para exercer tão importante ofício. Os seus cavaleiros, possuidores de ideais nobres e de cavalheirismo muito forte em virtude de uma vida casta e dedicada à causa cristã, enfrentariam ameaças físicas e espirituais de toda ordem.

---

[5] A este respeito consultar a obra de Pedro Silva, *Ku Klux Klan: pesadelo branco.*

Por isso, numa seleção inicial, primeiramente identificavam-se os indesejáveis, os que não professavam a fé cristã, afastando-os terminantemente, não se levando em consideração os motivos Para tal. Depois, tentava-se incutir, nos seus membros, a idéia de uma superioridade em relação aos demais tipos de cavaleiros. Dessa forma, satisfaziam-se os critérios de iniciação.

Através das obras de Régine Pernoud[6] e de Eduardo Amarante,[7] conseguimos ter uma idéia concreta de todos os preparativos desse ato fundamental. Segundo a *Regra Latina,* ficamos sabendo que se fazia um apelo aos cavaleiros seculares interessados em servir à causa cristã para procurarem um capítulo,[8] a fim de nele tomarem conhecimento da realidade da Ordem. Não se podia deixar de ler ao pretenso cavaleiro as normas que regeriam o seu dia-a-dia. Só depois, então, de ele estar ciente de seu teor, decidir-se-ia ou não pelo seu ingresso *na* organização. Era importante realçar que, à exceção de um moribundo que pedisse ao Mestre admissão na Ordem, ninguém podia ser feito freire sem se apresentar ao capítulo. Também convém notar que o noviço, antes de ser convocado para apresentar-se ao capítulo, executava os trabalhos mais simples, como, por exemplo, cuidar dos animais e cultivar o campo.

Em seguida, iniciava-se a cerimônia. "Distintos senhores irmãos, bem vedes que a maioria está de acordo com que *fulano* seja freire; se se encontrar entre vós um que saiba sobre ele coisa pela qual não deva, por direito, ser freire, que o diga; pois seria melhor coisa que o dissesse antes que depois de ele se apresentar diante de nós", afirmava o Mestre. Não havendo contestação, o candidato era colocado numa divisão contígua ao capítulo, na qual os irmãos mais antigos o interrogavam sobre questões de ordem pessoal, ou seja, seu estado civil, sua ferrenha disposição para servir a Deus, etc. Servindo-se das respostas, os inquiridores dirigiam-se, novamente, ao Mestre, a quem relatavam o interrogatório.

---

[6] Régine Pernoud, *Os Templários,* Publicações Europa-América, p. 37-43.

[7] Françoise Terseur e Eduardo Amarante, *Templários:* aspectos secretos da Ordem, Edições Nova Acrópole, 1988, p. 18-23.

[8] Ou "charter", local no qual a ordem realiza as suas cerimônias mais solenes e onde, geralmente, se encontram reunidos todos os seus membros.

Não havendo nenhum impedimento, o candidato era conduzido para junto do Mestre e, ajoelhando-se com as mãos unidas, deveria dizer: "Mestre, vim diante de Deus e diante de vós e diante dos freires, e imploro-vos e solicito, por Deus e por Nossa Senhora, que me acolhais na vossa companhia e nos favores da casa como aquele que continua a querer, de hoje em diante, ser servo e escravo da casa." O Mestre lhe respondia; "Distinto irmão, pedis-me grande coisa, pois da nossa religião não vedes senão a casca exterior. Nela, vedes somente que temos belos cavalos, belos arneses, boa bebida, boa comida e belas roupas, e aqui parece-vos que estareis muito a vosso bel-prazer. Mas não sabeis os duros mandamentos que estão por dentro, pois é dura coisa que vós, que sois senhor de vós mesmos, vos façais servo de outrem, pois com grande pena fareis vós alguma vez coisa que queirais: se quiserdes estar na terra do outro lado do mar [no Ocidente], mandar-vos-emos para o lado oposto (...) E, quando quiserdes dormir, sereis obrigado a velar, e, se quiserdes, por vezes, velar, sereis mandado para irdes descansar sobre o vosso leito." Pretendia-se, ao enumerar todas essas dificuldades, informar o pretendente da dura realidade da vida na Ordem do Templo. Este, embora concordasse com tudo, deveria responder ao Mestre, afirmativamente, utilizando a expressão: "Sim, Mestre, se Deus quiser".

Então, todo o capítulo repetia as perguntas e convidava o postulante a rezar, em uníssono, o pai-nosso, para em seguida o freire-capelão concluir as orações com uma prece ao Espírito Santo. Após todo esse cerimonial religioso, o candidato era novamente interrogado, com o propósito de ainda tentar descobrir-se a existência ou não de impedimentos à sua admissão. A cerimônia seguia sem interrupções, e, à parte, o iniciado se comprometia com a Ordem em cumprir as seguintes regras: obedecer ao Mestre e viver na castidade e na pobreza. Com o consentimento do postulante, o líder do capítulo finalmente concluía: "Nós, por amor de Deus e por amor de Nossa Senhora Santa Maria, por amor de monsenhor São Pedro de Roma e por amor do nosso pai, o Apóstolo, e por amor de todos os santos do Templo, vos acolhemos a todos os benefícios da casa que foram feitos desde o começo e serão feitos até ao fim, a vós e ao vosso pai e à vossa mãe e a todos os que queirais acolher da vossa linhagem. Vós também, vós nos acolhereis em todos os benefícios que fizestes e que fareis; e nós também vos prometemos pão e água e pobre vestuário da casa e bastante cansaço e trabalho". Revestido, em seguida, pelo manto sagrado, agora ordenado freire, ouvia a oração do sa!mo de admissão:

"Eis que quão bom e quão agradável é Irmãos morarem juntos em União! É como óleo bom sobre a cabeça, que desce sobre a barba, a barba de Aarão, que desce até o colar da sua veste. É como o orvalho do Hermom que desce sobre as montanhas de Sião. Pois ali Jeová ordenou [que estivesse] a bênção, [sic] vida por tempo indefinido."

Terminada a leitura, o mestre pedia que ele se levantasse e lhe dava um beijo na boca, concluindo com este ato simbólico expressar não só a aceitação dele como seu mais novo integrante, mas também render-lhe uma homenagem pela maneira com que ouviu e aceitou tudo aquilo que lhe fora dito durante a cerimônia de iniciação.

2.2.2. Hierarquia

Apesar de o Mestre ser, incontestavelmente, líder supremo, com amplo poder de decisão, observava-se uma tendência democrática *na* hierarquia da Ordem, pelo fato de o seu líder reunir o capítulo para apreciar matérias de maior importância e votá-las coletivamente. Embora as matérias de maior consideração e apreço fossem decididas dessa forma, notava-se, como em todas as sociedades, membros com maior ou menor influência. Devido à complexidade de funções exercidas pelos integrantes da ordem, segue-se uma descrição sumária de algumas delas:

Mestre: Líder no topo da escala hierárquica. Considerava-se mais adequada a palavra "Grão-Mestre", embora não houvesse unanimidade entre seus membros para o seu emprego. Era o representante de Deus no Templo e podia dispor de quatro cavalos para o seu uso diário e mais um especialmente preparado para a batalha. Quando do falecimento do Mestre, o marechal o substituía. Durante sete dias, os freires reuniam-se numa oração uníssona pelo falecimento de seu líder, tendo ordem, nesse lapso de tempo, de servir o almoço e o jantar para cem pobres Eram enviadas mensagens a todos os locais onde existiam cavaleiros templários e, interinamente, elegia-se um Mestre. No dia da eleição do novo Mestre, todos os comendadores deveriam ausentar-se dos locais sob suas jurisdições, provendo-os de modo que não ficassem abandonados, para deliberarem sobre a escolha do novo líder máximo da Ordem do Templo.

Freires: Dividiam-se em dois grupos: os que se dedicavam simplesmente à vida religiosa, vivendo uma vida essencialmente de clausura

e meditação, e os que ingressavam na atividade militar, conhecidos com o nome de monges-guerreiros. Estes eram, na verdade, os mais importantes, porém em menor número em relação aos demais membros da Ordem do Templo.

Restantes: Na base da pirâmide, encontravam-se os grupos com menor influência, por exemplo, os sargentos, que desempenhavam, entre outras atribuições domésticas, o ofício de cozinheiro, ao passo que, numa batalha, eram promovidos a submarechais ou porta-estandartes. Do mesmo modo, os soldados que executavam as tarefas mais simples no serviço doméstico, ao mesmo tempo serviam como peões na defesa das fortalezas. Havia também os turcópolo,[9] que engrossavam as fileiras militares, sempre a pé, e prontos para se defrontarem com os inimigos muçulmanos.

E necessário referir-se ainda a alguns postos criados, os quais, por serem mais específicos, eram integrados por membros oriundos de outras divisões, ou seja, o senescal (ou vice-mestre), o marechal (responsável pelas armas e pelos cavalos), o comendador (tesoureiro e comandante militar) e o intérprete de origem mourisca. Todos, de forma harmoniosa, contribuíam para que a estrutura funcionasse da melhor forma possível.

2.2.3. Templo

O Templo, tomado aqui como um exemplo típico, era, essencialmente, uma "cidade" da Ordem. Dentro das suas enormes muralhas, que formavam um quadrilátero irregular, com mais de oito metros de altura em quase toda a sua extensão, estão as torres de menagem, fundamentais para a sua auto-subsistência, um moinho e um estábulo. Os albergues, em que se alojavam e se alimentavam os monges, eram mais usados como refeitório. As diversas oficinas profissionais, como a selaria, a forja, o calçado e os tecidos, e uma pequena capela circular, na qual os cultos religiosos eram celebrados, também faziam parte do Templo. Uma enorme avenida rodeada de jardins e pomares tinha dupla função: auto-subsistência e embelezamento do local.

---

[9] Soldados da Cavalaria nascidos na Síria e empregados pela Ordem.

O capítulo, onde se realizavam as reuniões da Ordem, a prisão e o torreão, onde se abrigavam os tesouros e as armas, são exemplos de que a arquitetura dos Templários era, acima de tudo, robusta e executada de modo que a defesa de seus domínios ficasse fortalecida.

Possuindo jurisdição em relação à região onde se encontrava inserido, o Templo decidia de acordo com as suas próprias regras, as quais, na realidade, eram reconhecidamente severas. Todo monge que julgasse ter cometido alguma infração deveria apresentar-se ao capítulo, disposto a confessá-la. Após ter rezado juntamente com o mestre um pai-nosso, este ainda lhe pregava um sermão de exortação. Nesse momento, o freire pecador se ajoelhava e confessava os seus atos. Logo depois, deixava o capítulo, para que fosse deliberada a pena que lhe seria imputada. Mais tarde, quando o monge retornasse ao convívio do capítulo, o teor de sua confissão era mantido em segredo por todos os seus membros, sob pena de expulsão da Ordem, caso não fosse respeitada esta norma. Além das confissões espontâneas, existiam as acusações, das quais o acusado poderia apresentar testemunhas de defesa para provar a sua inocência. Na aplicação de punições, a mais leve era a "perda da casa"; a mais grave, a "expulsão da Ordem".

2.2.4. Simbologia

Criaram-se várias histórias fantasiosas em torno da Ordem do Templo. A seus cavaleiros eram atribuídas as mais diversas façanhas, dentre elas a mais nobre era a busca do Santo Graal. Ninguém, instintivamente, rejeitava de início a idéia de que os Cavaleiros Templários, imbuídos do mais puro espírito cristão, tivessem sido enviados por Deus para procurarem um cálice sagrado que, hipoteticamente, significasse a eterna juventude e a cura para todas as doenças. Parte dessa lenda correspondia à verdade, visto que de fato os membros da Ordem do Templo percorreram o mundo, enviados por Deus, mas não apenas para encontrarem um cálice sagrado. Eles procuravam, pelo contrário, fomentar o ideal cristão em locais de difícil aceitação, principalmente por causa da resistência muçulmana. Essa era a verdadeira essência do Graal, por mais que se rejeitasse essa história, inventada a partir de fatos históricos, mas distorcida a fim de torná-la mais fantástica. Os templários eram acusados também de praticarem a sodomia e a adoração do *Baphomet,* entidade relacionada com a alquimia e

O Monge e O Guerreiro

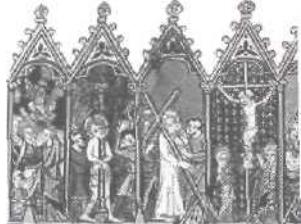
considerada por muitos diabólica, embora muitos historiadores discordem disso e vejam apenas uma imagem de Cristo estampada num manto.

A vestimenta branca usada pelos cavaleiros surgiu da necessidade de mostrar ao mundo que a Ordem do Templo defendia a castidade dos seus membros e de que um cavaleiro Templário era um cavaleiro imaculado. Alguns anos após a concessão de uma bula papal à Ordem, a cruz de Cristo lhes foi oferecida por Eugênio III, em 27 de abril de 1147, "a fim de que esse sinal triunfante seja [fosse] para eles como que um escudo para que não fujam [fugissem] diante de nenhum infiel".[10] Essa fabulosa cruz vermelha surgiu, pela primeira vez, colocada no lado esquerdo do manto, exatamente sobre o coração, tornando-se uma espécie de símbolo oficial. Essa cruz pintada de vermelho no imaculado manto branco tornou-se marca indelével dos cavaleiros do Templo. Os sargentos envergavam um manto preto ou castanho-escuro com a cruz vermelha incrustada na parte posterior, enquanto os clérigos usavam luvas brancas e manto verde com a mesma cruz vermelha.

Como estandarte, carregavam o célebre *beausant,* ou Balsa, a bandeira de batalha dos Templários, que era dividida em partes iguais, com as cores preta (terror e morte do inimigo) e branca (fé e caridade para os cristãos), e a cruz vermelha no centro circundada pelo salmo de David: "Não a nós Senhor, não a nós, mas para glória do Teu nome". Acreditava-se que a palavra *beausant* fosse um grito de batalha e significasse também nobreza e glória. Nenhum cavaleiro poderia deixar a batalha enquanto a bandeira permanecesse hasteada. Simbolicamente, o preto era a vida pecaminosa que os cavaleiros pretendiam abandonar ao ingressar na Ordem, e o branco, a pureza dos ideais almejados. Por último, o selo templário, simbolizava a pobreza dos seus membros, pelo fato de virem estampados dois cavaleiros montados num mesmo cavalo, e também significava "(...) a identidade das aparências opostas, a igualdade íntima entre o que aparentemente se apresentava como bom ou mau, como branco ou preto. Significava, pois, a harmonização entre os opostos[11]."

---

[10] Obra citada de Régine Pernoud, p. 68.

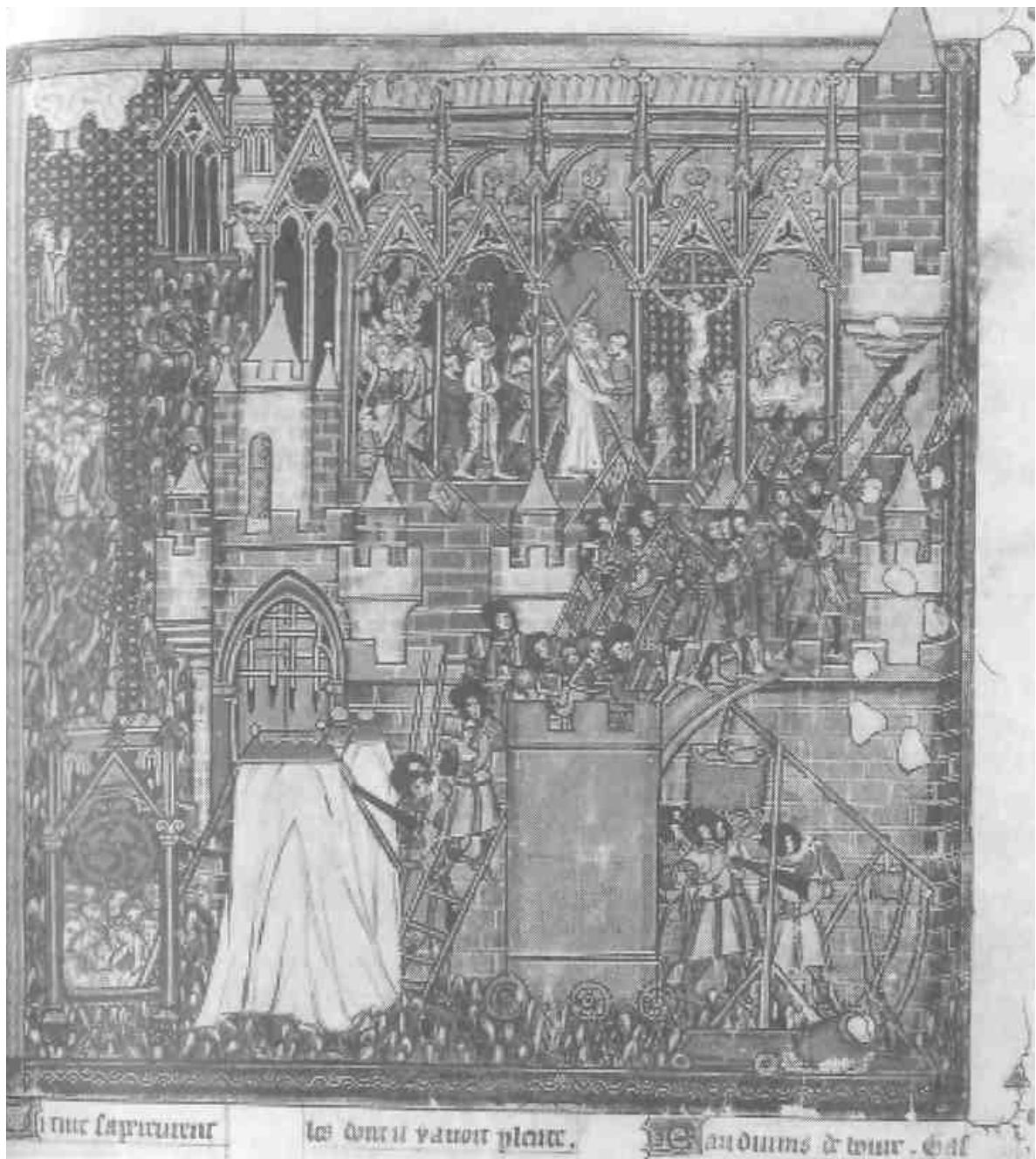
[11] Obra citada de Françoise Terseur e Eduardo Amarante, p. 31

Por terem percorrido o mundo, é provável que os cavaleiros Templários tenham criado outros símbolos por onde passaram, embora os que aqui foram citados sejam os mais representativos e encontrados em vários locais de influência templária. Estes são de fato os verdadeiros símbolos imortais e onipresentes da Ordem do Templo de Jerusalém.

O Selo da Ordem do Templo: dois homens sobre um cavalo

3

HISTÓRIA DA ORDEM DO TEMPLO

"Felizes os misericordiosos: eles alcançarão misericórdia. Felizes os corações puros: eles verão a Deus. (...) Vós sois o sal da terra. Se o sal perde o seu sabor, como tornará a ser sal? Não serve mais para nada; jogam-no fora e é calcado aos pés pelos homens."

Mateus 5:7-5:13

Em 1127, Hugo de Payns foi enviado à Europa Ocidental pelo rei Balduíno para recrutar novos cavaleiros. Nessa campanha, cavaleiros provenientes da França ingressaram na Ordem observando-se um pequeno crescimento em seus quadros. Na Inglaterra e na Escócia, o desempenho dos cavaleiros era recompensado com diversas doações. Mas, se por um lado a Ordem do Templo contava, em 1135, com um número significativo de cavaleiros, por outro carecia de um suporte teórico que desse respostas às questões militares suscitadas pelos seus membros. A *Regra,* então existente, só conseguia dirimir parcialmente essas questões porque "São Bernardo e os padres do concílio estavam mais preocupados em transformar cavaleiros em monges do que monges em cavaleiros".[12] A intenção de seu autor centrava-se exclusivamente na salvação das almas dos irmãos, em detrimento da criação de uma eficiente força de combate militar, salvo raríssimos artigos alusivos à vocação militar de seus membros. Por isso, o Tratado De *Laude Novae Militae, (*Em louvor da nova ordem de cavalaria), redigido por São Bernardo, visava a justificar o conceito de monge-guerreiro.

[12] Pears Paul Read, *Os Templários,* p. 114

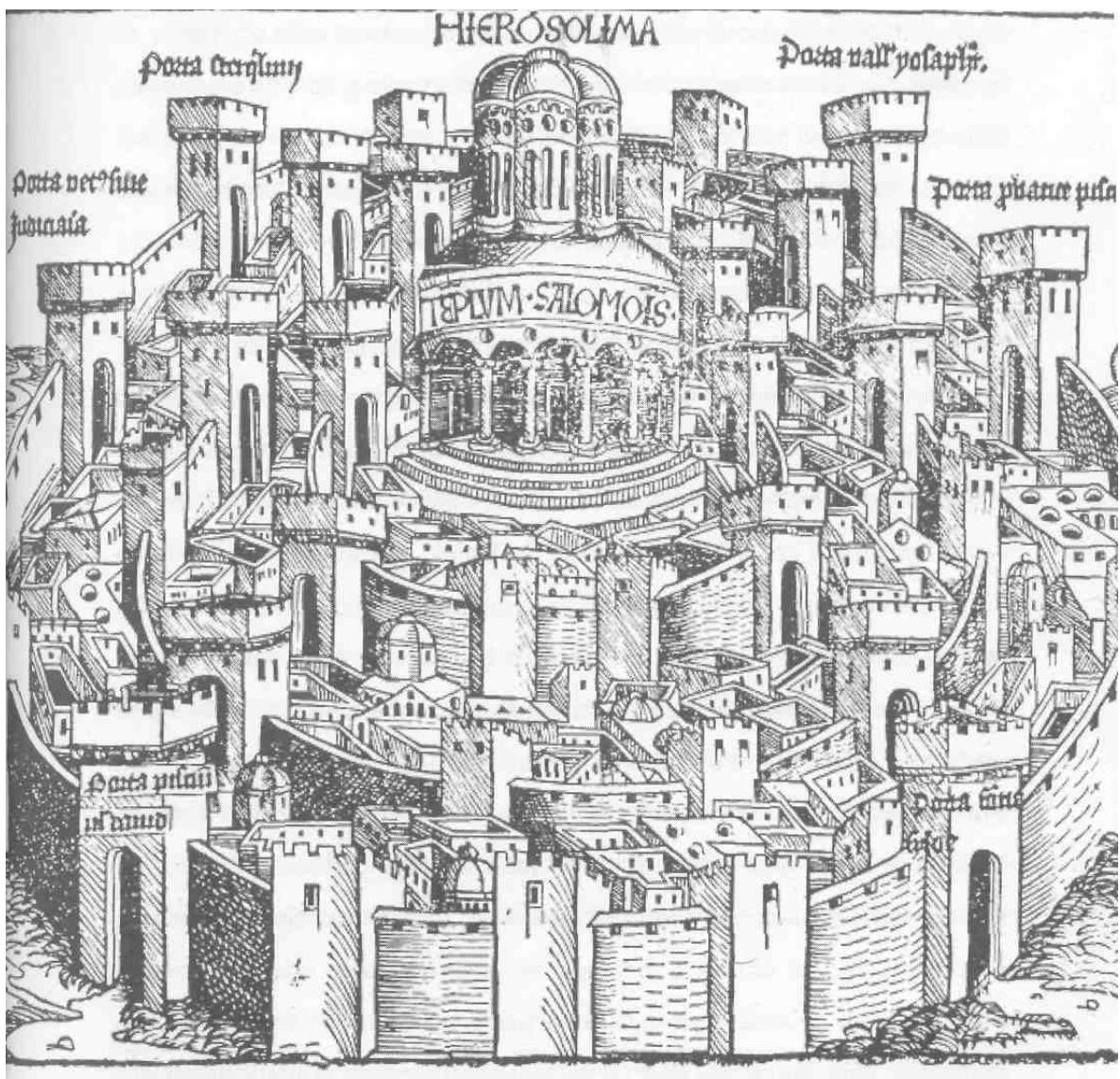
De acordo com a seguinte referência feita por São Bernardo, note-se a insistência de Hugo de Payns na elaboração desse Tratado, a fim de que se desse nova diretriz à Ordem: "(...) se não estou enganado, meu caro Hugo, pediste-me não uma ou duas, mas três vezes que escrevesse algumas palavras de exortação a ti e aos teus colegas". O Tratado era dirigido aos irmãos e definia o cavaleiro Templário como "(...) um cavaleiro destemido e confiante, pois a sua alma está protegida pela armadura da fé, tal como o seu corpo o está pela armadura de ferro. Está assim duplamente armado e não teme, como tal, nem demônios nem homens. Ele não teme a morte, ao contrário, deseja-a. Por que haveria ele de temer a vida ou a morte quando para ele viver é Cristo e morrer é ganhar? (...) Quer ganhemos ou percamos, seremos os senhores. Que glória será regressar vitorioso de tal batalha! Quão abençoado morrer ali como mártir! Rejubilem, bravos atletas". Desse modo, "os cavaleiros de Cristo poderão combater em segurança as batalhas pelo seu Senhor, não temendo o pecado se derrotarem o inimigo, nem o perigo da morte; porque matar ou morrer por Cristo não é pecado, mas, ao invés, um grande clamor de glória. No primeiro caso, ganha-se por Cristo; no segundo, ganha-se Cristo".

No ano seguinte, morreu o primeiro Mestre, e seu sucessor foi Roberto de Craon, o qual tomou parte da primeira batalha de relevo na Terra Santa, mais especificamente em Teqoa. Após o confronto inicial, a vitória foi favorável às hostes cristãs; mas, vítima da inexperiência, Roberto de Craon decidiu não perseguir os turcos, os quais, aproveitando-se da fuga para se recomporem, avançaram com um novo ataque, desta vez demolidor, causando aos cavaleiros Templários a primeira derrota. Não obstante isso, o novo Mestre tinha como meta principal reivindicar vários privilégios e isenções ao Papa Inocêncio II. Essas isenções ampliavam os direitos dos templários em relação aos prelados locais. Com seu pedido atendido, a Ordem dos Templários deveria reportar-se somente ao Papa. Os bispos protestaram; mas, a partir de então, os cavaleiros podiam iniciar a construção de igrejas, por exemplo, sem nenhum pedido prévio à autoridade religiosa local. A Ordem estava autorizada também a receber dízimos, sem precisar pagá-los. Poderia possuir cemitérios e enterrar seus mortos com algum valor pecuniário. Uma parte dos despojos tomados aos inimigos também lhes pertencia como direito, e seu mestre só poderia ser escolhido pelo capítulo, entre seus pares, sem qualquer influência externa.

Miniatura de um manuscrito da *História de Guilhermo de Tiro:* a conquista de Jerusalém, final do século XIII

Com a ajuda do influente São Bernardo, que era amigo e mestre do Papa, a bula fora promulgada em março de 1139, intitulada *Omne Datum Optimum:*

"Todas as melhores dádivas e todas as dádivas perfeitas provêm de cima, vêm do Pai das luzes, com quem não há mudança nem sombra de alteração. E portanto, queridos filhos do Senhor, louvamos a Deus Todo-Poderoso por vossa causa e por vós, pois vossa Ordem e venerável instituição é famosa em todo o mundo. Pois, por natureza, éreis filhos da ira,

entregues ao prazer do mundo; mas agora, pela inspiração da graça, vós vos tornastes receptivos è mensagem do evangelho e, tendo deixado para trás as ostentações mundanas e vossos bens, e também o caminho largo que leva à morte, escolhestes humildemente o difícil caminho que leva à vida; e, para provar isso, usastes muito conscienciosamente sobre o peito o símbolo da cruz viva, porque sois especialmente considerados membros da Cavalaria de Deus. Além disso, como verdadeiros israelitas e guerreiros muito versados na batalha sagrada, inflamados com a chama da verdadeira caridade, pondes em prática, com vossas ações, a palavra do evangelho, em que está dito: *Nenhum homem possui amor maior do que aquele que dá sua vida por seus amigos.*[13] E, seguindo o comando do pastor principal, não temeis em absoluto dar vossas vidas por vossos irmãos e defendê-los das invasões dos pagãos e, como sois conhecidos pelo nome de Cavaleiros do Templo, fostes nomeados pelo Senhor defensores da Igreja e atacantes dos inimigos de Cristo. Mas, embora com esforço e louvável devoção estejais labutando com todo o vosso coração e com toda a vossa mente numa tarefa tão sagrada, não obstante, exortamos todos os membros de vossa Ordem pelo Senhor e ordenamos a vós e àqueles que vos servem para a remissão dos pecados, pela autoridade de Deus e do Abençoado Pedro, o Príncipe, que protejais a Igreja Católica e, ao combaterem os inimigos da cruz, livreis de sua corrupção aquela parte da Igreja que está sob a tirania dos pagãos."[14]

As relações recrudesceram entre os Bispos, de um lado, ao desejarem manter suas prerrogativas, e os cavaleiros Templários, de outro, ao exigi-las para si próprios. Essa disputa pelo poder tornar-se-ia mais acirrada quando as novas promulgações papais permitiram não só a construção de capelas pelos Templários, mas também a possibilidade de nelas executarem-se as suas exéquias fúnebres, com o direito que também lhes foi concedido em 1147 de envergar a cruz vermelha A partir desse momento, a Ordem estava definitivamente preparada para se lançar à sua principal missão: Jerusalém.

Após a conquista de Jerusalém pelos cruzados, foram criados quatro reinos diferentes, que ficaram conhecidos na Europa Ocidental por *Outremer* (ultramar).

---

[13] Evangelho segundo São João (15, v. 13).

[14] Edward Burman, *Templários; Os cavaleiros de Deus.* Nova Era: 1997, pp. 45-46.

Nuremberg: representação do Jerusalém da *Líder Cronicarum de Hartmann Schedel*

No norte localizava-se o principado de Antioquia; a leste, na outra margem do Eufrates, ficava o condado de Edessa; ao sul de Antioquia situava-se o condado de Trípoli; e no sul ficava o reino de Jerusalém, governado por Godofredo de Bouillon, que se negou a usar o título de rei onde Cristo fora sacrificado com uma coroa de espinhos. Intitulou-se, então, o "Defensor do Santo Sepulcro". Outrossim, a situação tornou-se delicada, porque o papa Urbano II, antes de morrer, nomeou Daimbert, um arcebispo de Pisa, como substituto de Ademar de Le Puy, que era o legado e líder espiritual da cruzada. Ademar foi importante para a cruzada ao conseguir conciliar as divergências entre os príncipes francos, durante a passagem do exército cruzado pelo Império Bizantino. Com a morte de Godofredo, patriarca de Jerusalém, Daimbert tornou-se seu sucessor, não sendo aceito, contudo, pelos cavaleiros francos, os quais

convocaram, da região de Edessa, o irmão de Godofredo, Balduíno de Boulogne. Este não recusou o título de rei e foi coroado, na Igreja da Natividade, em Belém, pelo próprio Daimbert como o novo patriarca de Jerusalém. Em 1147, o papa Eugênio III endereçou a bula *Quantum praedecessores* ao rei Luís VII da França para encorajá-lo a participar da Segunda Cruzada. Numa ocasião solene, ambos compareceram a uma reunião do capítulo dos templários franceses e nela firmou-se a importância da Ordem do Templo. O Papa designara o irmão Aymar, tesoureiro do Templo, para receber os impostos de um vinte avos de todos os bens da Igreja a fim de financiar a cruzada. Os cavaleiros da Ordem do Templo foram convocados para participarem da Segunda Cruzada sob o comando do rei Luís VII da França. Durante a cruzada, a cavalaria turca, formada por extraordinários arqueiros, atacou os cruzados, e o exército francês corria o risco de desintegrar-se. Everardo de Barres, grão-mestre templário que integrava a cruzada, dividiu o exército em várias unidades, sendo cada uma delas chefiada por um comandante templário. Com essa estratégia conseguiu remediar a situação e pôde alcançar o porto bizantino de Antália, no qual o rei Luís embarcara com seu exército, em segurança, para Antioquia. Não foi exclusivamente militar a participação dos templários na cruzada. O empréstimo de dois mil marcos de prata concedido ao rei, quantia que representava .a metade das propriedades reais da França, comprovou não só os elevados custos de uma cruzada, mas também a realidade financeira da Ordem do Templo. Com esse empréstimo, revelou-se também a prática da usura que foi realizada de maneira proveitosa pela Ordem. Nessa Cruzada, por causa dos primeiros combates, a coragem dos Templários começou a ser conhecida. Um cavaleiro templário não dispunha de outro bem senão a própria vida para oferecê-la ao inimigo. Não possuía dinheiro, e caso se encontrasse algum em seu poder quando de sua morte, não podia ser enterrado em solo abençoado. Quando capturado, nem a derrota nem o massacre eram tão aviltantes quanto a rendição. Jacques de Vitry,[15] no seu *History of Jerusalem,* nos dá outros detalhes:

"Assim, eles se tornaram tão terríveis para os inimigos da fé de Cristo que um deles bastava para perseguir mil, e dois deles dez mil; quando eram

[15] Jacques de Vitry, *History of Jerusalem,* tradução de Aubrey Stewart, Londres, Palestine Pilgrim's Text Society, XI, 1890.

convocados às armas, eles não perguntavam quantos do inimigo havia, mas onde eles estavam. Eram leões na guerra e mansos como cordeiros em casa; no campo de batalha, eram soldados ferozes; na igreja, eram como eremitas ou monges; eram duros e selvagens com os inimigos de Cristo, mas bondosos e afáveis com os cristãos."[16]

Em 25 de janeiro de 1153, a grande fortaleza de Ascalão, pertencente aos califas fatímidas do Egito, era utilizada como base militar contra os cristãos. Situava-se em ponto estratégico, suprida pelo mar desde Alexandria e por terra através da península Sinaítica. O rei Balduíno III resolveu sitiá-la com o apoio da Ordem dos Templários, comandada pelo seu Mestre Bernardo de Trémélay. A cidade só poderia ser tomada de assalto, porque o mar a abastecia e os egípcios não poderiam ser rendidos pela fome. A Ordem dos Hospitalários também foi convocada por Balduíno III para esta empreitada, e seu Mestre Raymundo de Le Puy resolveu construir uma torre mais alta do que os muros da cidade, sendo posicionada próximo ao local onde se encontravam os Templários. Os egípcios conseguiram atear fogo na torre, mas ela desmoronou-se sobre os muros da cidade produzindo uma brecha, através da qual irromperam o Mestre Bernardo de Trémélay com mais quarenta de seus homens. Todos, porém, foram cercados e mortos pelos egípcios. Seus corpos decapitados foram pendurados nos muros da cidade.

Em 1166, o rei Amauri, sucessor de seu irmão Balduíno III, foi informado de que uma fortaleza inexpugnável na Transjordânia sob a responsabilidade dos templários foi sitiada pelas forças de Nur ed-Din, governador de Alepo. A fortaleza foi parte de uma doação feita por Filipe de Nablus, senhor da Transjordânia, ao tornar-se cavaleiro da Ordem. Amauri reuniu seu exército a fim de combater o cerco infligido à fortaleza em que se encontravam os templários, mas ao chegar ao rio Jordão foi informado de que eles não resistiram às forças inimigas e se renderam sem lutar. O rei Amauri, irado, mandou enforcá-los. Quando em 1168 decidiu-se pela invasão do Egito pelas forças de Amauri, o grão-mestre do Hospital, Gilberto de Assailly, e a maioria dos barões leigos apoiaram o rei, exceto o grão-mestre dos templários, Bertrand de Blanquefort.

---

[16] Obra citada de Edward Burman, p. 70.

Isso se deveu, também, em grande parte, ao fato de os hospitalários terem sido os principais defensores de tal projeto, dado que essa Ordem encontrava-se falida e tentar-se-ia compensar, no Nilo, os seus prejuízos pelas lucrativas transações financeiras com mercadores italianos. Outro provável motivo da recusa do Templo em guerrear o Egito deveu-se ao conhecimento que os templários tinham das difíceis condições do local e, nesse caso, julgaram que o uso da diplomacia em vez da força seria mais sensato. Guilherme de Tiro, principal cronista da Ordem do Templo, afirmou que "o mestre do Templo e os outros freires nunca quiseram intrometer-se nessa tarefa e disseram que nessa guerra não seguiriam o rei (...) Talvez tivessem percebido que o rei não tivesse boas razões para guerrear os egípcios, o que infringiria uma das regras dos templários".[17]

Em 1177, Ascalão corria perigo, apesar da ação impetuosa de Saladino contra Balduíno IV, o jovem rei leproso, a quem todos obedeciam cegamente e por quem o sultão muçulmano sentia-se irado. Foi nessa batalha que o talento dos cavaleiros Templários se fez notar. Com um reduzido número de homens conseguiram defender o local, derrotando o temível exército de Saladino. Conforme a seguinte disposição da Regra "(...} se vier a acontecer que a cristandade comece a ser derrotada, de cuja coisa Deus a proteja, nenhum freire deve abandonar o campo (de batalha) para se colocar ao abrigo, enquanto o estandarte bicolor *(beausant) se* mantiver erguido, pois, se partisse, seria banido da casa, para sempre. E, se vir que não há mais nenhum recurso, deve dirigir-se ao primeiro estandarte dos Hospitalários ou dos cristãos, se os houver. E quando estes ou os outros estandartes forem derrubados, poderá o freire pôr-se em segurança, lá onde Deus lhe aconselhar".[18]

Inevitavelmente, as ordens militares e religiosas enriqueciam-se demasiadamente, apesar de as vitórias não ocorrerem com a freqüência esperada. Os Hospitalários possuíam cerca de sessenta castelos no Oriente, e os Templários, dez. O poderio econômico deles, em conseqüência, crescia, e a política, por conseguinte, também era controlada por eles. Em 1186, tanto o Mestre da Ordem do Templo quanto o Grão-Mestre da Ordem do Hospital possuíam uma chave das jóias da Coroa de Jerusalém. Atente-se para as considerações de Smail:[19]

---

[17] Obra citada de Régine Pernoud, p. 71.
[18] Ibid., p. 78.
[19] R. C. Sinai!, "Crusaders" citado em *Castles of the Twelfth Century,* The Cambridge Historical Journal, Vol. X, n.°2,1951.

"Eles prestavam ajuda militar, não como arrendatários que deviam serviço a um senhor feudal, mas como ordens internacionais mais poderosas, que se tornaram cada vez mais livres do controle feudal na Síria. Essa maior liberdade de atuação reflete-se no modo como eles adquiriam os castelos. Aproveitavam a ocasião de concessão ou venda para negociar privilégios especiais. Conquistaram o direito de negociar seus armistícios com os muçulmanos, independentemente do príncipe feudal, e o de não seguirem o costume da divisão dos despojos de guerra. Embora esses privilégios fossem uma concessão de um príncipe feudal dada às ordens, eles assemelhavam-se a tratados entre poderes iguais e independentes." [20]

No Ocidente, as vitórias militares tornaram-se mais visíveis, a ponto de, nesse caso, as ofertas surgirem naturalmente, não devido ao poder da Ordem, mas graças ao reconhecimento por meio de recompensas feitas pelos monarcas que estavam empenhados na expulsão dos muçulmanos da península Ibérica. Em 1128, D. Teresa, mãe de D. Afonso Henriques do Condado Portucalense, doara-lhes o Castelo de Soure e, em 1134, o Castelo de Calatrava, no Reino de Castela, devido à magnífica vitória sobre os mouros. Afonso I, o Batalhador, estava interessado nos Templários a fim de que eles também o ajudassem na luta contra os mouros. O rei Afonso de Aragão foi casado com Urraca de Castela e seu casamento fora dissolvido por ter-se revelado incapaz de gerar filhos. Para evitar disputas e dissensões pelo seu reino, visto que não possuía herdeiros, concedeu-lhes vários privilégios, por exemplo, o domínio de meia dúzia de fortalezas, um décimo da receita real, isenção de vários impostos e um quinto de todas as terras conquistadas aos mouros. Em seu testamento, redigido em outubro de 1131, fora mais magnânimo, ao destinar todo o seu reino e autoridade que tinha sobre o seu povo às Ordens militares dos Hospitalários e dos Templários e para os Cânones do Santo Sepulcro em Jerusalém. Quando morreu, contudo, em 1134, o testamento foi ignorado e seus três beneficiários não conseguiram o seu cumprimento. O reconhecimento dos valiosos serviços prestados ao reino pelos Templários e Hospitalários ficaram implícitos neste testamento, embora não se saibam todos os motivos dessa decisão. Na Inglaterra, durante o estado de guerra civil que dizimou milhares de pessoas, os Templários, mediante um sistema de alianças, conseguiram ganhar a contenda, mas nesse caso o fato de terem ajudado a derramar sangue cristão foi um desdouro para a Ordem, visto que infringiram o que estabelecia a *Regra.*

Obra citada de Edward Burman, p. 76,

Além disso, a Ordem do Templo dedicava-se também a vários tipos de negócios, dentre eles, principalmente, o empréstimo e a navegação marítima. É ponto pacífico que os Templários possuíam em seus cofres enormes quantias em ouro e outros bens preciosos, os quais em sua grande maioria eram oriundos de doações ou heranças que pertenciam às casas reais. Desde então, o primeiro Banco Mundial pôde ser criado e uma rede de postos bancários difundiu-se por vários países. Os peregrinos que se encontravam a caminho da Terra Santa podiam efetuar seus depósitos em qualquer estabelecimento templário e sacarem o equivalente em moeda local em qualquer outro por intermédio de uma carta de crédito. Estava inventado, pois, o cheque.

Com o crescimento da Ordem *e* o seu conseqüente poderio econômico, houve, em várias ocasiões, necessidade, por parte dos soberanos dos países europeus, de pedir empréstimos à Ordem, o que aconteceu várias vezes, de forma sigilosa, contrariando-se um pouco os fundamentos teóricos dos cavaleiros, sobretudo os de São Bernardo, o qual contestava veementemente os judeus pela usura. Esses empréstimos, contudo, eram concedidos pelos Templários levando-se em consideração a taxa de juro de no máximo dez por cento sobre o valor total do empréstimo, que era menor do que os agiotas cristãos cobravam em Aragão e metade da taxa praticada pelos judeus.

Por outro lado, era uma época em que as longas viagens terrestres estavam, inexoravelmente, quase todas condenadas ao fracasso devido aos perigos que os viajantes encontravam ao entrarem em novo território. Por causa disso, a navegação foi então a forma mais fácil e eficiente que se encontrou, e os Templários, graças aos conhecimentos obtidos no Oriente com a matemática e a astronomia, muito se beneficiaram deles nas suas navegações. Alguns séculos mais tarde, esses conhecimentos tornar-se-iam fundamentais e de grande auxílio aos navegadores portugueses que deram novos mundos ao Mundo. Desse modo, a Ordem do Templo lançou-se ao mar, primeiro servindo-se de barcos alheios, firmando o seu negócio na segurança dos bens e, depois, com uma frota própria e apoiada pelo poder papal, não só defendiam alguns países, mas também transportavam mercadorias e peregrinos até a Terra Santa.

A vida modesta e humilde que levavam não era condizente com toda a riqueza que possuíam: juros de empréstimos, reservas de ouro da realeza, arrendamentos de propriedades, aquisição de castelos e negócios marítimos. Esse *modus vivendi* originava-se do voto de pobreza a que estavam obrigados.

A navegação: transporte de mercadorias e peregrinos até a Terra

De acordo com uma de suas regras, era-lhes vedada a propriedade privada: "todas as coisas da casa são comuns, e faz-se saber que nem o mestre nem nenhuma outra pessoa têm autoridade para permitir que um

irmão possua algo de seu (...)".[21] Viviam de maneira muito modesta. Seus trajes não podiam sofrer variações conforme a moda e era proibida qualquer peça feita de peles. O consumo de carne era permitido apenas três vezes por semana e jejuavam às sextas-feiras. Seus celeiros, estábulos e dormitórios eram simples e práticos e despendiam pouca soma em dinheiro para a sua manutenção. A arquitetura de suas igrejas era sóbria. Embora a Ordem se esforçasse em mostrar que o dia-a-dia de seus membros não fosse confortável, a opinião pública de então continuava acreditando que seus cavaleiros vivessem luxuosamente. No condado de York fez-se um inventário dos bens dos Templários quando estes foram presos e o que se apurou foi irrelevante: havia pouco dinheiro, a mobília era escassa e de má qualidade. Havia também toicinho defumado, peixe salgado, arenque, bacalhau seco e salgado, queijo e nenhum vinho. Por isso, uma corrente de historiadores acha provável que os cálculos de riqueza e tesouros templários exorbitantes são, em grande parte, infundados e exagerados: na Aquitânia, onde os Templários eram tão prósperos quanto em qualquer lugar, um cômputo mostrou que sua riqueza era de seis mil libras francesas, igual à dos Hospitalários, mas apenas metade da soma atribuída à Ordem Cisterciense.

No Oriente, por volta de 1171, um só homem conseguia intimidar os demais exércitos: Salad ed-Din Yusuf, mais conhecido como Saladino. Nascido em 1137, na Mesopotâmia, Saladino proclamou-se sultão, graças às suas vitórias, com as quais conseguiu unir todo o povo muçulmano em torno de um só ideal, ou seja, expulsar os cristãos daquele território. Balduíno IV, o infeliz rei leproso, lutou exaustivamente contra o poderoso soberano muçulmano e conseguiu, apesar do seu estado de saúde debilitado, estancar as investidas mais perigosas. Em Ascalão, tal resistência se tornou decisiva. Mas Saladino era arguto e aprendia rapidamente a tirar proveito das derrotas. Surgiu, então, um acordo com Balduíno IV, no qual permitia-se o acesso de peregrinos muçulmanos a Jerusalém. O covarde ataque de Reinaldo de Châtillon a uma grande caravana que viajava do Egito a Síria pôs fim a esse acordo momentâneo. Saladino respondeu furioso, sendo porém derrotado em 1182. Mais tarde, a construção de *Chatelet,* num local vulnerável às devastadoras investidas muçulmanas, revelou-se desastrosa.

[21] Pears Paul Read, Os *Templários,* trad. de Marcos José da Cuna, Rio de Janeiro, Imago, 2000. p.112.

A conquista de Ascalão pelo rei Baduíno

Balduíno cedeu às pressões do Mestre da Ordem do Templo e ordenou que milhares de soldados defendessem essa posição, sofrendo, contudo, contundente derrota. O mestre foi capturado e ofereceu a Saladino, como resgate, o seu cinturão e a sua adaga, os quais eram todos os bens de que dispunha. Saladino lhe acrescentou: "Isso... e mais a vida". O sofrimento de Balduíno teve seu desfecho mais tarde. Vitimado pela lepra, seu sucessor foi uma personalidade sem carisma: Guido de Lusignan. A Ordem do Templo era governada por novo mestre: Gérard de Ridefort, a quem os historiadores consideravam tão incapaz quanto Guido de Lusignan. Foi neste clima pouco favorável para a cristandade que surgiu o marco histórico conhecido por todos como a Batalha de Hattin.

Tomada a povoação de Tiberíades, a qual Saladino considerava como sua, o conde Raimundo de Trípolis e o mestre da Ordem do Templo, Gérard de Ridefort, sabiam que a reconquista desse pequeno território era a única forma de se evitar a perda do lugar mítico. Saladino adquirira experiência com as derrotas anteriores e pressentia que agora havia chegado a sua vez. Dos trinta mil soldados, apenas mil e duzentos cavaleiros se prepararam para enfrentar o exército muçulmano que lhes excedia numericamente. Apesar das palavras sensatas do sogro de Raimundo, as quais foram de advertência pelo fato de não existir um único ponto de água sequer em todo o caminho, o que causaria a morte de homens e cavalos, caso estes se aventurassem por terreno tão árido, o fato foi que os cristãos investiram contra esse local. O exército uniu-se a Guido de Lusignan, o soberano, e, em 3 de julho de 1187, ainda não tinha avistado nenhum ponto de água, pondo em risco a sua própria sobrevivência. Os sessenta mil muçulmanos esperavam, pacientemente, dando provas de que Saladino finalmente tinha perdido a impetuosidade inicial,

com a qual por um lado, muitas vezes, sagrara-se vitorioso em difíceis batalhas, de outro era obrigado a amargar derrotas que estavam praticamente ganhas.

"Depois de uma marcha extenuante, sob um sol abrasador, através de paisagens calcinadas, os cristãos avançam, penosamente, sobre pedras que resvalam sob os seus pés, para o cimo da colina de Atei, onde se vêem bruscamente cercados. Durante a noite, Saladino, 'aproveitando-se do vento..., manda deitar fogo às ervas secas. O fumo... queima os olhos, a garganta, enlouquece as montadas', escreve John Charpentier;[22] e, citando o cronista árabe: 'As cargas de cavalaria sucedem-se no meio da poeira, do fumo e do turbilhão das flechas. Esses cães esticavam as suas línguas secas e urravam sob os golpes. Pensavam ter chegado à água, mas encontraram as chamas da morte.' Os Templários que fechavam a marcha vêem-se nas primeiras linhas e são dizimados pelos golpes das arabetas turcas. Por fim, os remanescentes afastam-se com grande dificuldade e alcançam os postos. Todos secos. No meio da confusão, um templário enterra a verdadeira cruz na areia. No dia seguinte, tudo acaba. O exército de Deus está vencido e seus chefes submetidos ao poder do sultão. Somente Raimundo de Trípoli conseguiu atravessar as linhas muçulmanas com os seus genros e as suas gentes. De tal forma o conseguiu que, contrariamente às tradições que indicam para se apanhar o inimigo pelas costas, continuou o seu caminho."[23]

O saldo foi negativo com a derrota sofrida pelos cristãos na Batalha de Hattin, causando até mesmo a perda da Cidade Santa, a qual foi pilhada pelos aliados de Saladino. Dois anos depois falecia, em outra batalha, o mestre da Ordem do Templo, Gérard de Ridefort. Eis um relato muçulmano feito após a Batalha de Hattin.

"Dois dias depois da vitória, o sultão reuniu os prisioneiros templários e hospitalários e disse: 'Vou limpar a terra dessas duas raças impuras.' Ele então destinou cinquenta dinares a cada homem que trouxesse um prisioneiro e, imediatamente, o exército trouxe centenas. Ele ordenou, então, que eles fossem decapitados, preferindo matá-los a escravizá-los. (...) Alguns faziam um corte perfeito e recebiam agradecimentos; outros abrandavam o golpe e fracassavam; e muitos provocavam riso e eram substituídos por outros.

---

[22] John Charpentier, *A Ordem dos Templários,* Tallandier, 1997.

[23] Michel Picar, Os *Templários,* Publicações Europa-América, 1990, p. 86.

Via-se quem zombava e quem matava, quem conversava e quem agia: quantos juramentos foram cumpridos, quantos elogios ganhos, e eternas recompensas obtidas com o sangue que se fazia correr, e obras devotas estabelecidas com o pescoço daquele que era decapitado! Quantas espadas manchadas de sangue por uma vitória desejada, quantas lanças brandidas contra um leão capturado por Saladino, quantas doenças curadas tornando enfermo um templário..."[24]

Embora derrotados e diante de todas as adversidades, os templários, por meio de seu novo mestre, Roberto de Sablé, vassalo de Ricardo, Coração de Leão, não resistiram ao apelo deste último e partiram juntos novamente para o Oriente, numa nova cruzada, a fim de reconquistar a Terra Santa. Durante dois anos, Ricardo I percorreu aquelas terras inóspitas obtendo, por vezes, apenas pequenas vitórias, a ponto de ele, num gesto desesperado e consciente da impossibilidade de superar os acontecimentos, oferecer a mão de sua filha em casamento a Saladino. Este, por sua vez, recusou-a prontamente. Raras vezes esteve tão perto de reconquistar Jerusalém, embora firmasse, em 2 de setembro de 1192, um acordo de paz temporário. Regressando à Inglaterra num barco templário, foi reconhecido e assassinado por um de seus inimigos.

Em 1219, quase três décadas depois, a tomada de Damiette foi um novo alento que surgiu para estreitar a ligação entre Jean de Brienne, rei de Jerusalém, e a Ordem do Templo. O Egito estava subjugado pelos mongóis, e o sultão muçulmano Al-Kâmil pressentiu o pior, de modo que não tardou a proposta de cessão da Palestina em troca da evacuação dos mongóis em território egípcio. 0 Império Muçulmano do temível Saladino começava a desmoronar-se diante do surgimento e consolidação do Império Mongol, que em detrimento daquele, estava ávido por conquistar novos territórios. Vários locais foram abandonados, com alguma pressa, pelos muçulmanos que fugiam da ameaça cada vez mais forte dos mongóis. Dessa vez, não eram os cristãos que ameaçavam irromper por aqueles locais, dizimando as populações e pilhando as cidades. Quem se preparava para conquistar esses territórios era o exército Mongol, liderado por Genghis-Khan. Mais temíveis, os mongóis eram homens de compleição física avantajada e educação militar rigorosa.

---

24 Obra citada de Edward Burman, pp. 130-131, retirando-a da prosa de *Irman ad-Din.*

A título de curiosidade, em 1239, um cavaleiro Templário, com o nome de onde d'Aubon, informou a Europa do perigo que corria diante de iminente invasão mongol.

A conquista de Damiette pelos Cruzados, 1219

Por esse motivo, qualquer ameaça por parte dos cristãos foi desaparecendo pouco a pouco e só pequenas manifestações aconteceram dez anos depois, com Frederico 11, da Alemanha, o qual tentou, pela via diplomática, solucionar antagonismos seculares. Mas teve como desvantagem fatores adversos que pesaram, decisivamente, sobre a sua cabeça. A Ordem dos Templários ia de encontro às suas idéias, sobretudo à que propunha destinar o Templo de Salomão aos muçulmanos. Além disso, a sua ligação preferencial com a Ordem Teotônica impossibilitava as boas relações com os cavaleiros Templários. Então, as más relações entre as várias ordens militares cristãs recrudesceram e impediram qualquer tipo

de aliança. Acrescente-se a tudo isso o fato de o Papa tê-lo excomungado, causando irritação em todos aqueles que o viam autoconsagrar-se rei de Jerusalém. Pouco depois, as forças cristãs consideraram nulos os acordos por ele firmados, e seus homens atacaram posições templárias, deixando todos ainda mais irados. O rei de Jerusalém declarou, então, a sua sentença final: em 1[2] de maio, abandonou o local, tal como havia chegado.

A última Cruzada se deu com Luís XIV, *da* França, o qual, aproveitando-se de um período de paz, conseguiu não só convencer a Ordem do Templo a apoiá-lo, mas também a financiar a sua cruzada. Em 1244, o monarca europeu dedicou-se, avidamente, à reconquista do Oriente, embora os muçulmanos ainda estivessem obtendo vitórias importantes. Naquele período, as rivalidades entre as ordens militares se sobrepunham ao espírito das cruzadas. A Ordem dos Hospitalários detinha riqueza invejável e grande poder político, aos quais somente os cavaleiros do Templo se igualavam. A Ordem dos cavaleiros teoutônicos não se abatia quando precisava tomar decisões relevantes e sempre se punha na linha de frente, por causa do enorme valor dos bens materiais envolvidos na disputa, como era o caso dos empreendimentos marítimos e empréstimos com juros, negócios bem-sucedi-dos, por sinal.

Por conseguinte, em 1291, a Ordem do Templo de Salomão abandonou o Oriente, prostrada por uma derrota cujo resultado era previsível, numa disputa realizada em território adversário e hostil, frente a um exército numericamente superior. Com a queda de São João de Acre deu-se início à aceleração de um processo irreversível. Atente-se para a seguinte descrição:

"Peregrinos, na maioria italianos, acostam a São João de Acre em 1291, firmemente decididos a 'caçar muçulmanos'. Mal desembarcam, exterminam uma fila de camponeses que se dirigiam ao mercado, entre os quais os sírios cristãos usando barba, signo distintivo dos infiéis. O sultão Esseraf, a propósito da agressão, pôs cerco à cidade, prevenindo o novo mestre do Templo, Guilherme de Beaujeu (...) Depois de ter recebido uma carta do sultão tão ameaçadora quanto, aparentemente, cavalheiresca, a população de São João de Acre viu por sobre os muros, em 5 de abril de 1291, cerca de sessenta mil cavaleiros com cimitarra em punho, seguidos de outros tantos infantes empurrando gigantescas catapultas. Atrás das muralhas, um número reduzido de defensores: treze mil soldados a pé e somente setecentos cavaleiros para proteger trinta mil habitantes. Após uma semana, sem nenhuma ofensiva de ambos os

lados, os turcos decidiram iniciar o assalto. (...) as torres de defesa caíam umas após outras. (...) Os grandes mestres do Templo e do Hospital não se deixaram intimidar e lutaram ombro a ombro, solidariamente. Abriram-se brechas na muralha, por todo lado, e os cristãos conseguiram conter miraculosamente os invasores que cederam, momentaneamente, terreno.

Entretanto os mamelucos repelidos regressavam em grande número e, apesar de todos os atos de heroísmo e de bravura praticados pelas duas ordens, o inimigo vence-os, definitivamente. Os francos capitulam pouco depois; os Templários e os Hospitalários resistiram, bravamente, à batalha. Segue-se relato contundente acerca da morte do grande mestre, Guilherme de Beaujeu. 'Aos 5 de abril de 1291, às três horas, uma flecha atravessa-lhe o peito. Sentindo-se gravemente ferido, o mestre do Templo interrompe o combate. Pensando que ele fugia, um cruzado diz-lhe: 'Por Deus, senhor, não nos abandoneis senão a cidade estará perdida!' Sem um esgar ou um arquejo, Guilherme exclama: 'Não estou fugindo. Olhai o golpe; na verdade, estou morrendo!' O horror do combate impiedoso atingiu toda a cidade. Os mamelucos não pouparam ninguém. Exaltados pelo sentimento de vitória, deram golpes de sabre em tudo o que mexia, apoderaram-se das mulheres, massacrando as que não lhe interessavam ou que eram objeto de litígio."

"Apesar do furor do combate, um bastião mantém-se de pé, último espaço de resistência: a torre que serve de convento fortificado aos Templários. (...) O sultão ordena que abatam a torre, atacando-a, pedra a pedra, nas fundações. No momento em que se dá o assalto, a torre afunda-se sobre os Templários com dois mil soldados muçulmanos. (...) Logo que a cortina cai sobre a epopéia do Médio Oriente, a ordem do Templo, longe de ter sucumbido ao atolamento, ainda resiste na Europa, onde continuará a desenvolver-se graças às riquezas que acumulou. A aventura oriental brilhará por detrás do Templo como uma luz eucarística. A Ordem possui um passado. Uma auréola."[25]

A história das Cruzadas tinha o seu epílogo, e a Ordem do Templo via o seu prestígio diminuído. Guilherme de Tiro resumiu a situação do ponto de vista dos adversários dos cavaleiros Templários;

"Durante muito tempo, eles mantiveram intacto seu objetivo nobre e exerceram sua atividade com bastante seriedade. Por fim, porém, começaram a desprezar 'a humildade, guardiã de todas as virtudes, que, colocando-se voluntariamente no lugar mais baixo, não corre risco de uma queda'.

[25] Obra citada de Michel Picar, pp. 96-100.

Afastaram-se do patriarca de Jerusalém, de quem tinham recebido o estabelecimento da ordem e seus primeiros privilégios, e recusaram-lhe a obediência que seus antecessores tinham demonstrado a ele. Também para as igrejas de Deus eles se tornaram muito incômodos, pois afastaram-se de seus dízimos e primeiros rendimentos e estragaram injustamente suas posses."[26]

A Ordem estava agora sofrendo as conseqüências de ter-se transformado, aos poucos, num negócio que visava ao lucro. Os rumores acerca de seus tesouros incalculáveis não desmentiam, porém, as seguintes diretrizes monetaristas:

1) Depósitos de valores, em troca de um atestado (embrião do cheque). Por serem inexpugnáveis suas fortalezas, todos aqueles que conseguiam amealhar bens materiais viam-se na contingência de os entregar à Ordem do Templo, a qual se servia deles para as suas campanhas, como em um banco, cujos valores podiam ser sacados posteriormente;

2) Empréstimos: Servindo-se dos valores em depósito, muitos empréstimos eram efetuados pelos cavaleiros Templários, os quais, em sua grande maioria, eram concedidos com uma pequena margem de lucro, ou seja, o famigerado juro. Alguns de seus maiores clientes foram monarcas europeus;

3) Arrendamentos: Os feudos doados pelos reis da Europa, em troca de serviços prestados, sobretudo os de expulsão de infiéis dos seus respectivos países, como aconteceu na Península Ibérica, ou pelo apoio contra facções internas rivais, como sucedeu no Reino Unido, eram fontes de rendimento seguro e certo, dado que os habitantes das povoações templárias cediam parte das suas riquezas, em troca de habitação e defesa;

4) Receitas Ordinárias: Todo tipo de alimentos ou animais criados nas quintas templárias serviam não só para alimentação própria, mas também para venda, por exemplo, os cordeiros e os queijos;

5) Receitas Extraordinárias: Peditórios e testamentos. Tanto num caso como noutro, ambos foram os motivos que fizeram com que os bispos — classe social privilegiada na hierarquia da Igreja — contestassem veementemente esses favoreci mentos, pois, ao contrário do que acontecia com as demais ordens e instituições diretamente ligadas à Igreja, todas estas receitas iam direta e inteiramente para os cofres da Ordem.

[26] Obra citada de Edward Burman, p. 168.

Foi no início do século XIV que, com a liderança de Jacques de Molay, a Ordem do Templo entrou num período de acusações e decadência, culminando com a sua extinção. Seu último mestre, nascido, provavelmente, em Vitrey, na França, ingressara na Ordem em 1265, com vinte e um anos. Quando se tornou Mestre da Ordem, as suas idéias já estavam claramente formuladas. Em 1306, assinou a sentença de morte dos Cavaleiros Templários, ao recusar-se à vontade do papa Clemente V, que pretendia unir as ordens militares e religiosas.

Papa Clemente V, 1314

Por outro lado, solicitou o apoio papal para uma nova cruzada no Médio Oriente. O que se seguiu, de fato, foi a confirmação de que vontades antagônicas à Ordem do Templo estavam bem enraizadas, as quais, servindo-se da recusa firme de Molay numa união total dessas ordens militares e religiosas se tornaram definitivas:

Em 14 de setembro de 1307, o rei da França, Filipe, o Belo, enviou uma carta aos bailios (comendadores) e aos senescais (vice-mestres) da Ordem do Templo, na qual se responsabilizou pelos desastres militares cometidos pelo seu reino. Ao mesmo tempo em que expulsava os judeus do seu país, confiscava-lhes os bens. Um ano antes de pedir a extinção da Ordem, refugiara-se num castelo Templário, em Paris, por causa de uma sublevação popular, revelando, dessa forma, o seu caráter. Filipe pediu apoio secreto ao Papa e aos prelados locais para a sua grande campanha, a fim de erradicar os cavaleiros templários. A estes últimos chegou a oferecer a absolvição de seus crimes em troca de confissões e arrependimentos. Conforme acusações contidas em sua carta, os cavaleiros adoravam objetos satânicos, cuspiam na imagem de Jesus Cristo, negavam-se a reconhecer Cristo, beijavam-se mutuamente em seus órgãos genitais, praticavam atos de sodomia e se serviam de meios ilegais para aumentar as suas riquezas.

Em 13 de outubro de 1307 todos os membros da Ordem foram capturados, permanecendo em suas propriedades apenas os criados; e

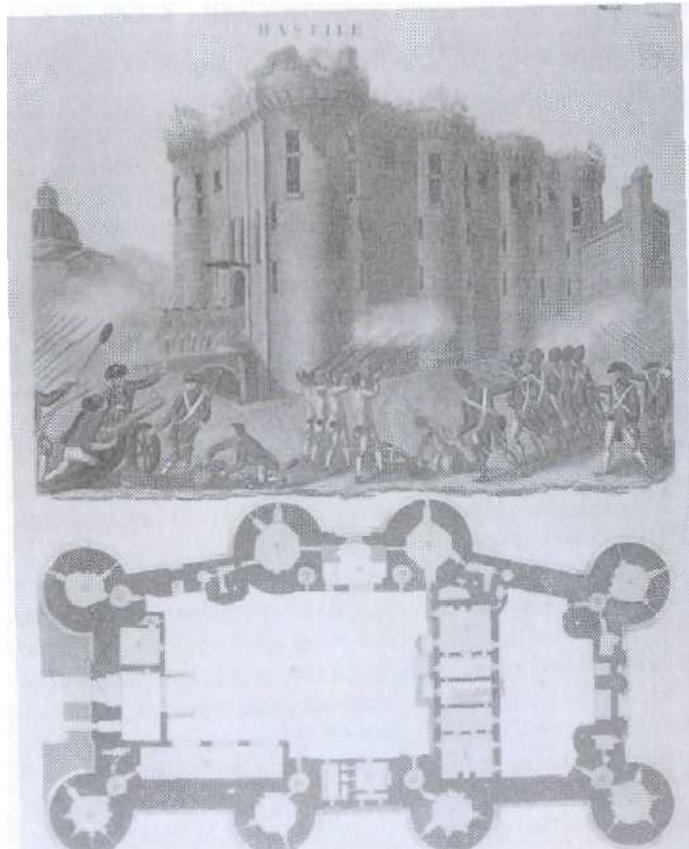
Filipe, o Belo, em um manifesto, ao tornar públicas todas as acusações feitas à Ordem, explicava as suas razões: "Uma coisa triste, uma coisa lamentável, uma coisa horrível de imaginar e terrível de ouvir, um crime detestável, um malefício execrável, uma obra abominável, uma desgraça detestável, uma coisa totalmente desumana, alheia a todo o sentimento humanitário chegou aos nossos ouvidos, graças aos relatos de algumas pessoas dignas de crédito, não sem nos causar grande espanto e nos fazer estremecer de horror violento, e, ao pensarmos em sua gravidade, uma imensa dor nos abomina, ainda mais intensamente porque não há dúvida de que as enormes proporções do crime atingem o ponto de ser uma ofensa à majestade divina, uma vergonha para a humanidade, um exemplo pernicioso de maldade e um escândalo universal."[27]

Em 19 de outubro de 1307, iniciaram-se os interrogatórios, sob a égide de Guillaume de Paris e, mais tarde, com o apoio fundamental do temível Bernardo Gui. Cento e trinta e oito prisioneiros foram submetidos a todo tipo de violência, a fim de confessarem seus crimes. Muitos se declararam inocentes dos crimes de que eram acusados, mas revelaram-nos mais tarde, após violenta tortura. Seis dias depois, o papa Clemente V enviou ao rei de França uma carta em que fez a seguinte afirmação: "Vós haveis estendido a mão sobre as pessoas e os bens dos Templários, vós até ousastes pô-los na prisão (...) Vós haveis acrescentado à aflição dos cativos uma outra aflição *[alusão à tortura]* que, por pudor para com a Igreja e para conosco, achamos mais próprio deixar passar atualmente sob silêncio."[28] Em 22 de novembro, mudou radicalmente de opinião, baseando-se, segundo as suas palavras, nas confissões dos cavaleiros templários. Tais confissões eram obtidas, soube-se depois, sob as condições mais adversas, mediante atos de selvageria. As acusações partiam de Esquin de Floyran, que se beneficiou delas ao adquirir algumas terras templárias que lhe foram oferecidas a preços simbólicos. Ao findar o ano de 1307, o papa ordenou que lhe fossem entregues os bens e os presos templários. Filipe, o Belo, porém, atendeu parcialmente a Sua Santidade, não abdicando dos bens da Ordem.

---

[27] Ibid., p. 193-194.
[28] Obra citada de Régine Pernoud, p. 136.

Miniatura das *Chroniques de France:* templários diante do Papa e do Rei Felipe, o Belo, da França; final do século XV.

Em fevereiro de 1308, às vésperas de os presos serem entregues ao poder real, o mestre da Ordem convidou os seus irmãos a revogarem as suas confissões. Pouco depois, o Papa presidiu ao julgamento. Ao mesmo tempo, Filipe, o Belo, apoiado pelo poder da nobreza francesa, insurgiu-se contra Clemente V e incitou-o a condenar os cavaleiros. Em agosto desse ano, após o rei da França ter-se apoderado dos mais influentes membros da Ordem, distorcendo de alguma forma as verdadeiras intenções do sumo pontífice, surgiu uma decisão de comum acordo: os pecadores arrependidos seriam poupados à morte.

Miniatura das *Chroniques de Frace:* Jacques de Molay, Grão-Mestre dos Templários e um companheiro na tortura; final do século XIV

Em 1309, deu-se início ao julgamento e as primeiras testemunhas de acusação demonstraram claramente o despreparo com que atestaram as denúncias. Em novembro, Jacques de Molay, ao ouvir o teor da sua suposta confissão, contestou-a, veementemente, e pediu nova audiência para nela exaltar as belezas da cerimônia religiosa dos cavaleiros, o sangue vertido pela fé cristã, entre outros detalhes da liturgia.

Em 1310, centenas de Templários acorriam, de todos os lados, arrependidos das suas confissões. Mostravam-se dispostos a revê-las, mas o Concílio de Sens condenou cinqüenta e quatro cavaleiros à morte. Ponsard de Gizy, preceptor de Payns, ajoelhou-se perante os comissários e pediu para falar livremente, a fim de que suas últimas palavras fossem

consideradas verdadeiras e não as que foram obtidas anteriormente, devido ao perigo e ao medo da morte, e que todas as acusações imputadas à Ordem eram falsas. Afirmou também que todas as confissões lhe haviam sido arrancadas com torturas e ameaças. Na hipótese de ser queimado, admitiria qualquer declaração que lhe fosse atribuída.

A torre templária transformada em prisão (Bastilha-Paris)

Em 22 de março de 1312, na bula *Vox in Excelso,* o papa Clemente V tomou a sua decisão final sobre o caso, condenando a Ordem do Templo à sua extinção.[29]

"Uma voz foi ouvida, vinda de cima, de lamentação e choro amargo, pois o tempo está chegando, de fato chegou, em que o Senhor se lamentará através do seu profeta: Esta casa [Templo] motivou a minha cólera e ira, pelas quais a retirarei da minha vista devido à maldade dos seus filhos, pois estes provocaram em mim a fúria ao virar-me as costas, não as faces, e instalando os seus ídolos na casa em que o meu nome era invocado, para o conspurcar.

[29] A extinção da Ordem se deu oficialmente; entretanto, existem Associações que se dizem herdeiras diretas dos Templários, funcionando secretamente, tornando-se difícil a sua comprovação.

Construíram locais específicos para consagrar os seus ídolos e demônios. Eles pecaram tanto como nos dias de Gibeah. Quando soube de tais atos de horror, com receio de um escândalo evidente - pois quem alguma vez ouviu falar de tal infâmia? Quem viu igual? - eu desfaleci ao ouvi-lo, desanimei ao saber, o meu coração azedou e as trevas apoderaram-se de mim."

"(...) Pouca não é a fornicação nessa casa, o imolar dos seus filhos, dando-os e consagrando-os aos demônios e não a Deus (...) Doravante, essa casa estará desolada e em desgraça, amaldiçoada e inabitada, atirada para a confusão e igual aos reduzidos a pó, aos reles, aos abandonados, aos inacessíveis, rejeitados pela ira de Deus, a quem desprezaram; não deixeis tal acontecer mas tornai-o num deserto. Deixai todos espantados com isso para cicatrizar as feridas. Pois o Senhor não escolheu as pessoas conforme o local, mas o local de acordo com as pessoas. Como tal, o local do Templo foi escolhido para punir as pessoas, como o Senhor declarou abertamente quando construiu o templo para ele, a Salomão que estava tão cheio de sabedoria como um rio: 'Mas se os teus filhos se afastarem de mim, não me seguindo e honrando, mas indo, na realidade, atrás de estranhos deuses e adorá-los, então afastá-los-ei de mim e os expulsarei da terra que lhes dei'."

Em 2 de maio de 1312, proclamou-se em Viena a bula *Ad Providam* do papa Clemente V, que ordenava a transferência dos bens dos Templários para a Ordem do Hospital:

"(...) Há pouco tempo, suprimimos definitiva e perpetuamente a Ordem dos Cavaleiros Templários de Jerusalém devido aos abomináveis, até inexplicáveis, atos dos seus mestres, irmãos e outras pessoas da Ordem em todas as partes do mundo. Esses homens cometeram vários erros e crimes indecentes. Estavam manchados e enodoados pelas depravações que praticaram. Silenciamo-nos aqui em relação aos detalhes, pois é com tristeza que deles nos lembramos. Com a aprovação do Concílio Sagrado, abolimos a constituição da Ordem, o seu hábito e nome, não sem amargura no coração. (...) Após isso, ocupamo-nos rapidamente das propriedades, que durante os tempos foram dadas, legadas, oferecidas e compradas (...) A propriedade deve tornar-se, para todo o sempre, parte da Ordem do Hospital de São João de Jerusalém."

À exceção dos reinos de Castela, Aragão, Maiorca e Portugal, aos quais foi concedido o direito de ficarem com os bens dos Templários, por pedido

expresso de seus respectivos monarcas, os demais reinos deveriam transferi-los em sua totalidade às novas ordens que se criassem.

Entretanto, Jacques de Molay ainda lutava, em vão, não só pela sua própria absolvição, mas também pela de centenas de irmãos, ao argumentar que "a Ordem do Templo foi criada e fundada na caridade e no amor de uma fraternidade verdadeira e que ela está (...) perto de Deus Pai, uma ordem santa e imaculada, livre de todas as manchas e vícios, na qual há e sempre haverá com vigor uma doutrina regular, uma prática saudável, e que, como tal, é aprovada, confirmada e agraciada com inúmeros privilégios da Santa Sé".[30] Jacques de Molay, enquanto aguardava a sua sentença diante da catedral de Notre-Dame, em Paris, fez uma dramática declaração: "Penso verdadeiramente que neste solene momento eu deva proferir toda a verdade. Ante o céu e a terra, e com todos vocês aqui como minhas testemunhas, eu admito que sou culpado da mais grotesca das iniqüidades. Mas essa iniqüidade foi eu ter mentido ao ter admitido as grotescas acusações emitidas contra a Ordem. Declaro que a Ordem está inocente. A sua pureza e santidade estão acima de qualquer suspeita. Eu admiti de fato que a Ordem era culpada. Mas unicamente assim agi para evitar contra mim as terríveis torturas — a vida foi-me oferecida, mas pelo preço da infâmia. Por este preço, a vida não vale a pena ser vivida."[31]

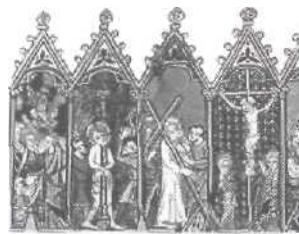
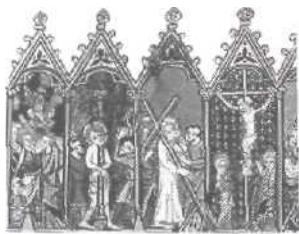
O veredicto, porém, foi confirmado por ordem expressa de Filipe, o Belo, que mandou à fogueira quarenta e quatro Templários, cujas confissões foram retratadas pelos seus condenados. E, tal qual acontecera a todos os que se recusaram à tortura, Jacques de Molay foi, em 18 de março de 1314, condenado à fogueira, amaldiçoando seus algozes: "Papa Clemente... Cavaleiro Guilherme de Nogaret... Rei Filipe. Intimo-os a comparecer perante o Tribunal de Deus dentro de um ano para receberem o justo castigo. Malditos! Malditos! Todos malditos até a décima terceira geração de vossas raças! M".[32] O papa Clemente V faleceria um mês depois; Filipe, o Belo, vítima de um ataque de apoplexia, teria o mesmo destino e Guilherme de Nogaret, guarda-selos do reino, teria sido envenenado por uma vela, feita por Evrard, antigo Templário.

---

[30] Obra citada de Edward Burman, p. 206

[31] Antonio Mendonça. *VIII O julgamento dos templários.* http://www.terravista.pVPortoSanto/1086/trial-Pt.html#top

[32] Maldição de Jacques de Molay. http://vwwAada.com.br/demolay/maldicao.htm

Após todos os julgamentos na França, somente um único cavaleiro Templário foi condenado na Inglaterra: Imbert Blanke, o qual fora encerrado numa cela e acorrentado a grilhões duplos, a fim de se obter dele mais alguma confissão. A Ordem do Templo foi praticamente extinta sem que houvesse contra ela uma condenação formal.

A bula *Vox in excelso* foi redigida de modo que se evitasse condená-la claramente por uma sentença judicial, mas por meio de provisão ou ordenação apostólica. Em seu texto, a Igreja se autojustificava ao demonstrar que outras Ordens foram extintas por motivos menos graves e de que o Papa, pesaroso, tomara essa decisão com muita amargura. O Templo foi abolido por um decreto irrevogável e perpetuamente válido que proibia qualquer um de conjeturar entrar para a referida Ordem no futuro, ou de receber ou usar seu hábito, ou de agir como um templário. E qualquer um que agisse contra isto ficaria sujeito à sentença de excomunhão. Um conluio entre Filipe, o Belo, e Clemente V contribuiu decisivamente para a sua injusta extinção. Aquele por ter traído a Ordem que o salvara da morte, este por ter sido infiel a um grupo de homens destemidos que sempre lutara, até a morte, na defesa intransigente da fé cristã. Sabia-se que atitudes menos honrosas foram praticadas por alguns de seus integrantes em algumas regiões nas quais os cavaleiros atuaram. Desvios de conduta muito prováveis de ocorrerem, em se tratando de uma organização que em meados do século XIII era formada por cerca de 20.000 membros. A pequena parcela divergente, porém, acabou fornecendo provas suficientes para que os seus algozes a proscrevessem. Os fatos históricos posteriores à sua abolição vieram refutar todo o processo desencadeado por Filipe, o Belo. Tudo não passou de um embuste criado pelo rei, visando a confiscar os bens da Ordem, os quais ele julgava incomensuráveis. Foi grande o número de mortes sofridas pelos monges guerreiros, que em defesa dos cristãos sacrificaram suas vidas: seis dos 23 grão-mestres morreram em combate ou na prisão. Soube-se durante o seu julgamento que cerca de 20.000 templários morreram no ultramar por seus ideais. Dante Alighieri reconheceu que eles foram vítimas inocentes da ambição do rei Filipe. Do ponto de vista cristão, é possível atribuir aos cavaleiros o seguinte versículo do Livro do Apocalipse: "Eles vêm da grande tribulação. Lavaram suas vestes e as alvejaram, no sangue do cordeiro".[33]

[33] Tradução Ecumênica da Bíblia, *http://www.uol.com.br/teb/indice.htm*

4

PRESENÇA EM PORTUGAL

"Feliz o homem que não toma o partido dos maus, não se detém no caminho dos pecadores e não se senta no banco dos zombadores."[34]

Salmos, 1:1

4.1. Ordem do Templo

A fundação e o desenvolvimento da Ordem ocorreram em Jerusalém, a centenas de milhares de quilômetros da Península Ibérica, porém o inimigo comum da fé cristã era exatamente o mesmo que militava naquela zona geográfica, ou seja, os muçulmanos. Tanto os cavaleiros templários quanto os castelhanos e os portugueses tinham a mesma vontade de unir esforços, a fim de concretizarem uma união. Por isso, em 1127, a regente do trono português, D. Teresa, que passou a governar o Condado Portucalense por ter se tornado viúva, doou a vila de Fonte Arcada, próximo de Penafiel, e, depois, em 19 de março de 1128, o castelo de Soure à Ordem do Templo, em virtude de um pedido de aliança feito pelo cavaleiro Raimundo Bernardo. A essa oferta foram anexadas também todas as terras entre Coimbra e Leiria, consideradas pontos estratégicos. Essas doações foram responsáveis pelo fortalecimento da Ordem do Templo em Portugal.

[34] Tradução Ecumênica da Bíblia, *http://www.uol.com.br/teb/indice.htm.*

Selo do grão-mestre dos templários evocando o Templo de Jerusalém

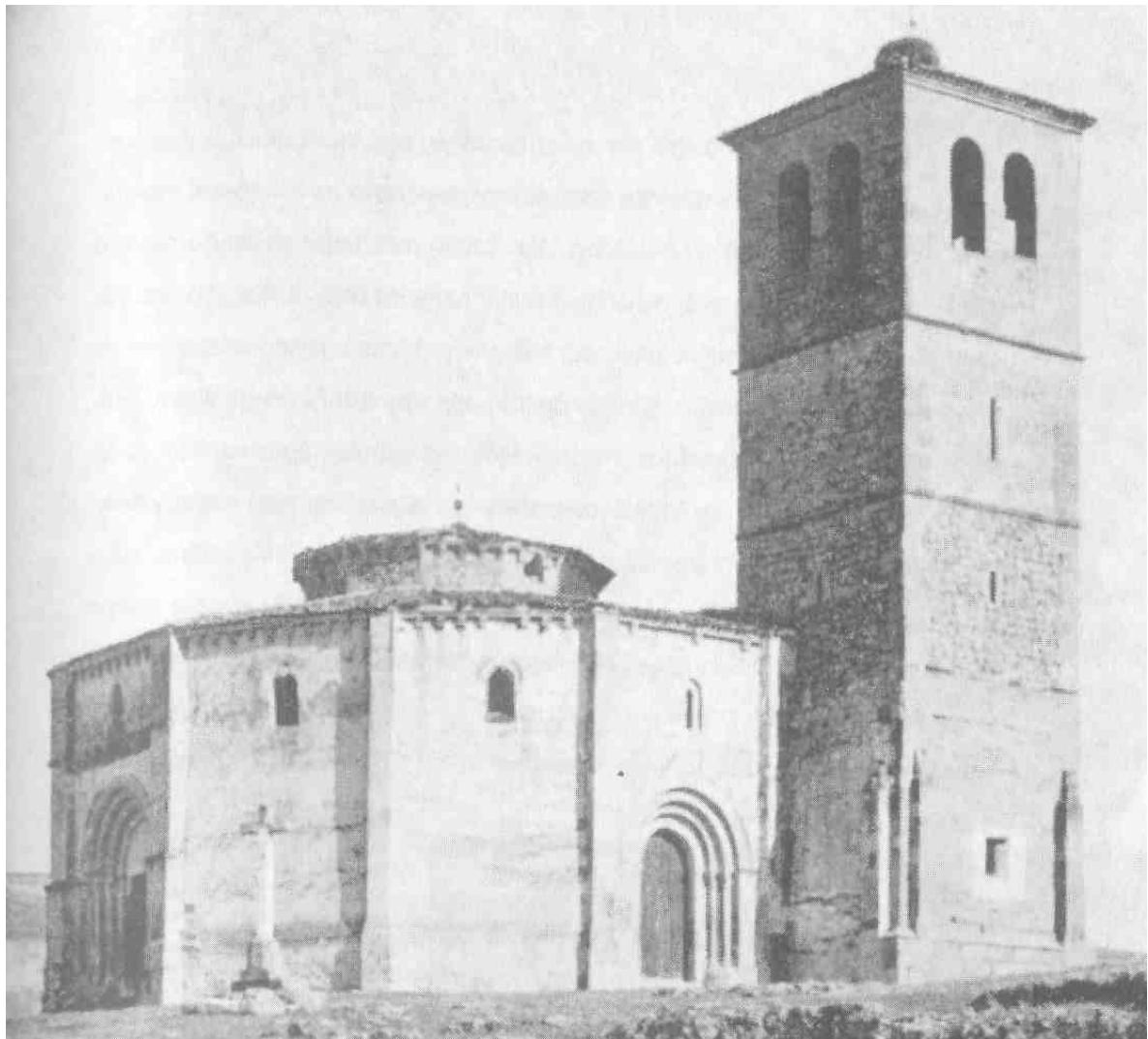
D. Afonso Henriques, o célebre fundador da dinastia de Borgonha que durou 244 anos, foi o primeiro rei de Portugal, entre 1139 e 1185. Em 1143 prestou vassalagem à Santa Sé, mas só em 1179, com a bula *Manifestis Probatum,* o papa Alexandre III o designou rei, permitindo-lhe a conquista de novos territórios aos mouros. A partir da batalha de Ourique a autonomia de Portugal foi reconhecida pelo imperador de Leão e Castela e por outros reis da península. O apoio dos cavaleiros Templários foi tão importante para a reconquista do território português que D. Henriques prometeu a São Bernardo a construção de um mosteiro, como recompensa por alguma vitória em sua expedição. Com a conquista de Santarém em 15 de março de 1147 e Lisboa em 24 de outubro do mesmo ano, D. Afonso Henriques construiu o mosteiro de Alcobaça. Com a liderança do mais importante Mestre da Ordem, Gualdim Pais — nascido, muito provavelmente, em Amares, perto de Braga — serviu a D. Afonso I, deslocando-se posteriormente para a Palestina, onde tomou contato com o Templo. Em 11 56, tornou-se o quarto mestre em Portugal, apaixonando-se por sua cidade de adoção, Tomar, na qual fora enterrado em 13 de outubro de 1195, na capela de Santa Maria dos Olivais.

> "Acompanhado de uma hoste de que faziam parte os melhores cavaleiros, incluindo os Templários e duzentos e cinqüenta homens de armas, o monarca deixou Coimbra na segunda-feira, 10 de março, indo acampar na povoação de Alfafar, perto de Taveiro. No dia seguinte, atingiu Chornudelos ou Dornelos, donde enviou a Santarém um Martim Moab, que devia ser moçárabe, e mais dois cavaleiros, comunicando que as tréguas estavam rompidas por três dias. Ali se lhe juntou o seu meio-irmão Pedro Afonso, que viera do Norte com um pequeno contingente. Na quarta-feira,

> 12, a força desviou-se para sudoeste, a fim de evitar o contato com os cavaleiros sarracenos que, tendo notícia do rompimento da paz, não deixariam de explorar o terreno próximo (...) Em 15 de março de 1147, deu-se o assédio a Santarém, tendo os cristãos atravessado o vale que fica entre Montirás e a fonte de Atamarma. Enquanto Mem Ramires subia a muralha, a força de Gonçalo Gonçalves foi ocupar a estrada de Seserigo, que corresponde à atual Ribeira de Santarém, e vigiar a porta de Santiago, que dava para a alcáçova. Entretanto, a porta de Atamarma foi aberta para o monarca e o grosso dos homens entrarem na cidade, dali seguindo de roldão até *ao* castelo fronteiro ao Tejo. Os mouros não puderam deter a força de ataque, a qual fora cometida de surpresa, e algumas horas depois a vila tornava-se para sempre terra cristã."[35]

A partir de então, várias doações foram destinadas à Ordem, dentre elas, Santarém (1147), Ceras (1159), Almourol e Tomar (1160), cujas lideranças foram exercidas por vários mestres. Existe alguma discordância em relação às datas e nomes de mestres da Ordem. Neste livro, a enumeração exaustiva dessa listagem afigura-se como desnecessária, apesar de acreditarmos na coerência dos dados fornecidos por Frei Bernardo da Costa, em seu livro *História da Militar Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo,* publicado originalmente em 1771, na cidade de Coimbra. Nele, seu autor cita Guilherme Ricardo como o primeiro mestre, nomeado para o cargo em 1139, e o último, a título de curiosidade, Vasco Fernandes, cujo mandato teve o seu término em 1311.

Pode-se afirmar que, durante a vigência da Ordem do Templo em Portugal, a colaboração com os reis desse período monárquico teve como conseqüência a reconquista do território que atualmente é Portugal. Tão forte foi a ligação entre a monarquia portuguesa e a Ordem dos Templários que Frei Bernardo da Costa fez a seguinte referência em sua obra; "(...) o mais sublime argumento de toda esta obra é a religião, a heróica piedade, com que a maior parte dos Augustos predecessores de Sua Magestade [D.José I] criarão, favorecerão e dotarão esta Ordem Militar, em particular, o distinto favor com que honrarão os seus cavaleiros; os imensos privilégios com que premiarão os seus serviços; o cuidado com que deram ajuda as suas vastas conquistas".[36]

---

[35] Joaquim Veríssimo Serrão, *História de Portugal: 1080-1415,* Verbo, 1995, pp. 95-96

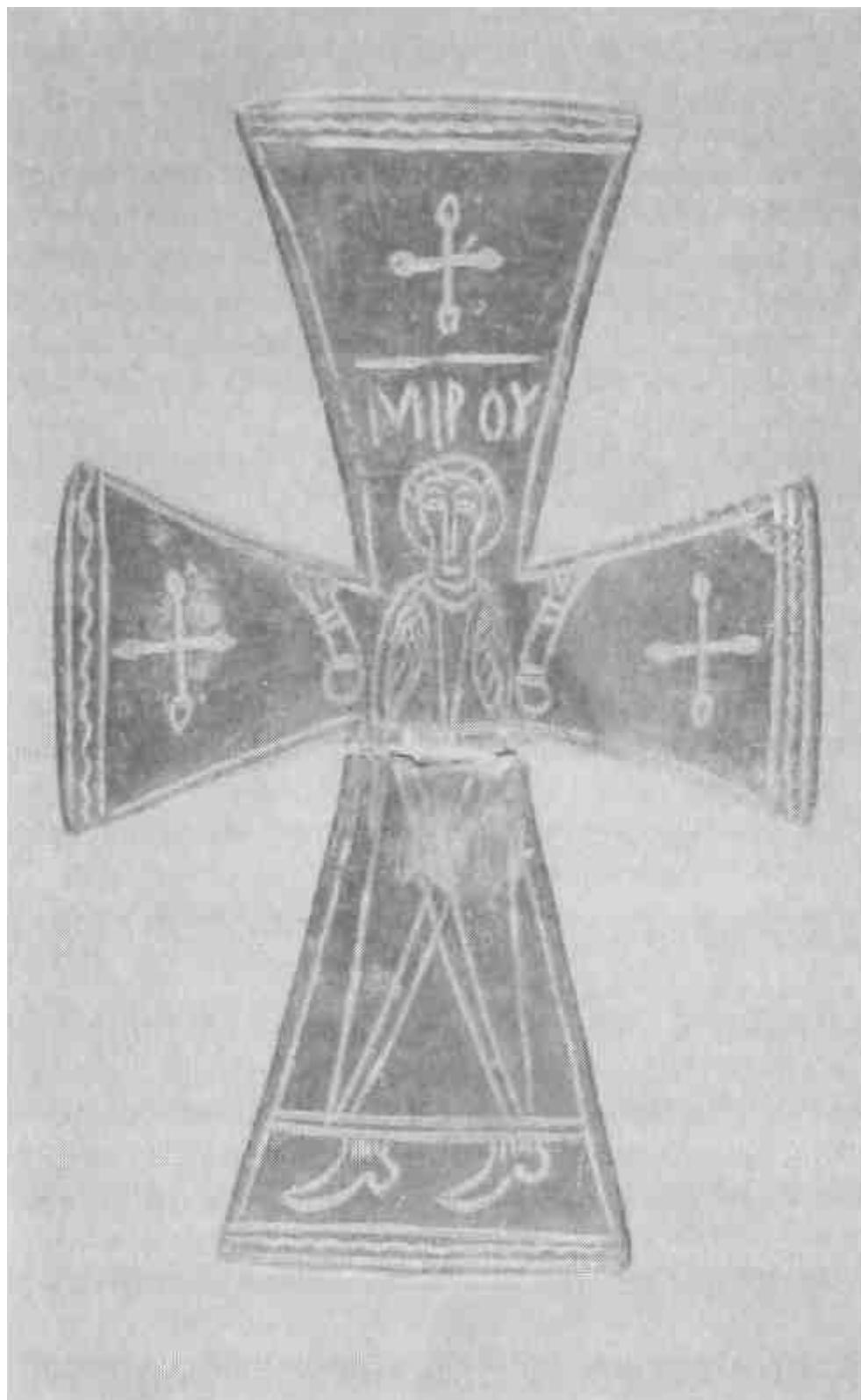
[36] Frei Bernardo da Costa, *História da Militar Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo,* 1771, p. 3.

Frei Bernardo reconhecera a existência da Ordem no Condado de Portucale, antes mesmo de instalar-se nos reinos de Castela e Aragão. Um fato histórico gerado por questões de herança entre D. Afonso II e as infantas D. Teresa e D. Mafalda, as quais apelaram para Inocêncio III, foi suficiente para comprovar o prestígio da Ordem em Portugal. D. Afonso não quis entregar a elas os bens que o pai lhes legara para a manutenção e pretendeu concentrar em suas mãos todos os poderes e riquezas possíveis. 0 Papa interveio com uma única restrição: "os castelos das infantas poderiam permanecer como tais, mas deveriam ficar à guarda dos cavaleiros Templários". Em 1271, D. Afonso III reconheceu claramente em seu testamento sua vontade em relação aos cavaleiros Templários, ao oferecer-lhes duas mil libras, maior quantia em dinheiro até então recebida pela Ordem.

> "A Ordem dos Templários, assim chamada por ter um edifício sede junto do Templo de Jerusalém, foi a primeira a fixar-se na Espanha. No período do Condado Portucalense, manifesta-se a sua existência, de maneira fraca, na região do Minho. Teve depois como ponto de partida o território do Mondego, e, no ano de 1144, já o Castelo de Soure lhe fora confiado. Mostrando uma progressiva ocupação, numa faixa estreita entre Montemor-o-Velho e Coimbra, os seus cavaleiros caminham para o Sul ampliando o próprio reino. Com o mestre Gualdim Pais, iniciam-se os povoamentos de Pombal, Ega e Redinha; no ano de 11 60, funda-se Tomar, que seria a cabeça da Ordem, e povoam-se as terras de Ceras e Asseiceira. Nessa penetração para o sul, atinge-se, em 1170, o Castelo de Almourol e fundam-se os lugares de Golegã e Casével.
>
> Os cavaleiros do Templo achavam-se, pois, na vizinhança do couto de Alcobaça, pelo que não podiam fixar-se nessa zona de recente exploração. Por tal motivo, a sua 'marcha' inflete para leste, passando sobre o terreno de Belver e dominando a maior parte da linha do Tejo, na entrada deste rio em Portugal. Alpalhão, Nisa, Arês, Ródão estavam na sua área de defesa e povoamento. Mas, sendo a fronteira uma zona insegura, em virtude dos ataques mouros à Estremadura espanhola, já no reinado de D. Sancho I, a ação dos Templários se alargara a Segura, Rosmaninhal, Salvaterra do Extremo, Idanha-a-Velha, Penha Garcia e Monsanto, indo mesmo até a Ribeira. Algumas dessas terras sairiam do seu patrimônio, como a Idanha (1165), que foi dada aos Hospitalários, e Monsanto (1172), à Ordem de Sant'Iago.

Segovia, exterior da Vera Cruz, igreja dos Templários; inicio do século XIII

Portanto, um povoamento em três direções contínuas, ao sul, oriente e nordeste, para assentar uma fronteira bem guardada entre os rios Tejo e Coa é o modelo de uma colonização de tendência raiana, para evitar ameaças de flanco, por parte dos mouros, à integridade do Reino. No Norte do País, a influência dos Templários foi nula, ainda que uma carta de testamento de 1145 revele, na zona do Minho, o rendimento das vendas em feiras em prol da administração de um hospital da Ordem. O valor desta, como agente colonizador, manteve-se ao longo dos tempos, com a nota de interesse de que os seus bens vieram a constituir, em 1319, o núcleo formador da Ordem de Cristo."[37]

[37] Obra citada de Joaquim Veríssimo Serrão, p. 167-170

A zona mais exposta em torno de Sourre e Pompal era concedida aos templários

Podemos citar três fatores que contribuíram para o fortalecimento da Ordem em Portugal: 1°) Estreita e forte relação entre o mestre da Ordem e o monarca português D. Dinis, tendo este se lançado às navegações para descobrir novas terras com o auxílio da Ordem de Cristo; 2°) A característica singular com que o povo português conseguiu absorver as várias culturas dos lugares em que aportou, tornando-se mais receptivos aos que migrassem para o reino; e 3°) O sentimento de gratidão para com a Ordem do Templo. Podemos concluir que seria de todo impensável acreditar que, em Portugal, se fizesse às possessões dos cavaleiros templários o mesmo que se fez em França, ou seja, expropriá-las.

Quando, por ordem papal, foi abolida a Ordem do Templo, o rei D. Dinis, em 1317, não considerou criminosa a atuação dos Templários em Portugal e decidiu garantir a permanência dela ao criar uma nova organização: a Ordem de Cristo, para a qual se transferiu todo o patrimônio dos templários. O direito à terra em Portugal foi-lhes concedido a título perpétuo. Com essa decisão, todos aqueles que eram perseguidos na Europa refugiavam-se em Portugal, e o castelo de Tomar se transformou num depositário de segredos que a Inquisição, mais tarde, não conseguiu desvendar.

4.2. Ordem de Cristo

Em 14 de março de 1319, o papa João XXII, com a bula *Ad ea ex quibus* reconheceu oficialmente a "Ordem de Cavalaria de Nosso Senhor Jesus Cristo" a qual visava a combater principalmente aos inimigos da fé. Tendo D. Gil Martins como mestre da Ordem de Cristo, pois este também o era da Casa de Avis, ordem militar e religiosa de muito prestígio, D. Dinis teve solucionado o problema de controle da Ordem do Templo. Os freires professos elegeriam os futuros mestres, e o abade de Alcobaça era o responsável pela supervisão da Ordem.. A Coroa portuguesa doou à Ordem de Cristo os bens dos Templários e a vila de Castro Marim, e de acordo com seu estatuto contava com um pequeno efetivo de 69 cavaleiros, 9 clérigos e 6 sargentos, ou seja, 84 freires. Durante o período dos Descobrimentos, Portugal se mostrou ao mundo ao mostrá-lo a todos. O infante D. Henrique, filho de D. João I (1385-1433), que foi mestre da Ordem com apenas vinte e seis anos, combateu os mouros em Ceuta e ajudou Portugal a se expandir para além-mar, ao participar ativamente na colonização da Madeira e dos Açores. Foi grande navegador e fundador de uma autêntica e inovadora escola náutica em Sagres, onde se estudavam as disciplinas da arte de navegar para se descobrir novas terras, encontrar um caminho marítimo para a Índia e difundir a fé cristã. A riqueza oriunda de suas navegações aumentou consideravelmente, a ponto de o Infante decidir, em 1449, reformular a Regra da Ordem, tendo em vista seu crescimento e prosperidade. "Crê-se que a Ordem de Cristo tenha herdado do Templo o hábito dos professos, apenas substituindo nele a cruz orbicular, adotada em 1146, com a qual passou a constituir o seu distintivo particular. Na Regra dos Cavaleiros da Ordem de Cristo, reformada em 1449 por iniciativa do infante D. Henrique, determinou-se que o 'bentinho se traga de dia como de noite, de dia sob o jubão e de noite no corpo, sem de si o

Cruz Bizantina com Cristo pregador

apartarem'. Quanto aos mantos brancos, 'que hão-de ter em cabido e festas e em os quais hão-de comungar e hão-de ser enterrados, sejam acerca do artelho, abertos peia parte direita e as outras vestiduras dos Clérigos Freires sejam igualmente compridas. E os cavaleiros, pelo exercício que hão-de ter

nas armas e cavalaria, tragam vestiduras ao menos pelo joelho e daí para o fundo quão compridas quiserem e tragam seus saios e mantos por tal guisa que a cruz venha sempre direita no peito onde há de trazê-la'. A cruz canônica era de lã (para vigários e freires) ou de seda (para comendadores e cavaleiros), vermelha com perfil de nenhuma outra cor ou ouro, salvo de vermelho. Expressamente defesos eram os panos verdes, vermelhos e amarelos, e obrigatório (sob pena de multa para a cera do Convento) o uso de manto branco a comendadores e cavaleiros nos dias de Natal, Circuncisão de Nosso Senhor, Epifania, Purificação de Nossa Senhora, Semana Santa (desde o dia de Ramos até a Páscoa), Ascensão, Espírito Santo, Santíssima Trindade, Corpo de Deus, Invenção da Santa Cruz, Visitação de Santa Isabel, Nossa Senhora das Neves, Assunção de Nossa Senhora, Nascimento de Nossa Senhora, Exaltação da Santa Cruz, Todos os Santos, Apresentação de Nossa Senhora, Conceição de Nossa Senhora e Anunciação."[38]

Quando, em meados do século XV, as navegações portuguesas avançavam rumo ao Atlântico Sul, a presença dos membros da Ordem de Cristo aumentava de modo significativo. No primeiro semestre de 1493, o papa Alexandre VI baixou duas bulas, as *Inter Caetera,* que concediam à Ordem de Cristo a supremacia espiritual e religiosa nos novos domínios conquistados. Os sacerdotes, os quais também eram membros da Ordem, exerciam funções eclesiásticas e tornarem-se superintendentes em todos os serviços religiosos.

> "Quando, sob pressão de Filipe, o Belo, rei de França, o Papado ordenou a extinção da Ordem dos Templários, foi difícil para Portugal compreender as razões da violenta medida. Não se podia aceitar sem protesto o fim de uma ordem de cavalaria que prestara ao Reino altos serviços na Reconquista e no povoamento de muitos lugares. O nosso País não se integrava ao jogo político da França que, em virtude de uma campanha baseada no descrédito dos cavaleiros, visava a destruir o poderio militar dos Templários e apossar-se das suas imensas riquezas. (...) Era diferente a óptica portuguesa. O processo da Reconquista podia considerar-se encerrado, mas a presença dos Templários em muitos pontos da fronteira garantia a defesa do Reino e o surto regional que ali se promovia. Os cavaleiros do Templo eram, pois, instrumentos da política de consolidação nacional que o monarca queria preservar; e a ação militar constituía o melhor argumento em sua defesa.

[38] Seleção Reader's Digest, *Portugal Misterioso,* 1988, p. 312

(...) D. Dinis tentou convencer o papa a aceitar o regresso dos bens à posse da coroa, de onde haviam saído por motivo de constantes doações. Como João XXII se opusesse, o rei português encarregou o cavaleiro João Lourenço de Monsarás e o cônego da Sé de Coimbra, Pedro Pires, a fim de obterem a anuência pontifícia para se criar em Portugal uma nova ordem militar que se encarregaria de administrar o patrimônio extinto. (...) Assim, nasceu uma nova ordem militar que viria a ter grande projeção no Reino, como orientadora da expressão ultramarina dos séculos XV e XVI. Como o diploma de fundação previa a luta contra os infiéis, podemos inferir que houve da parte de D. Dinis o projeto ou a realização de uma campanha militar com essa intenção. Não houve, contudo, a possibilidade de comprovação com fatos concretos (...) Se o ideal de Cruzada permaneceu no Reino, não foi no tempo de D. Dinis que ele se traduziu em Benamarim ou Granada, pois a Ordem de Cristo só no princípio do século XV haveria de realizar o desígnio imposto na sua fundação."[39]

Em Portugal, a vila de Tomar continuava se desenvolvendo durante o mestrado de D. Henrique na Ordem de Cristo, o qual mandou construir, entre outras obras urbanísticas, o Claustro da Lavagem e o Claustro do Cemitério, remodelando e engrandecendo o Convento de Cristo, que fora posteriormente incorporado pelo Castelo de Tomar. "No interior do castelo foi construída uma cópia da cúpula octogonal de Jerusalém, *ao* mesmo tempo em que todo o castelo fora construído à imagem da constelação do boieiro, de modo que o centro da charola funcionasse como um observatório astronômico".[40] É claro que todos os conhecimentos trazidos pelos Templários das terras do Oriente foram aproveitados pelo Infante D. Henrique para o êxito das descobertas marítimas. Segundo Juan Atienza,[41] Portugal reconheceu o esoterismo da Ordem de Cristo através da arquitetura manuelina. A construção da Escola de Sagres, que reuniu os maiores conhecimentos cosmológicos, revelou-nos o seu exoterismo. Após a morte do Infante D. Henrique, a Ordem de Cristo manteve seu crescimento e prestígio e, ao mesmo tempo, beneficiou a cidade de Tomar. Mas, pouco a pouco, sua característica originalmente militar e cristã foi atenuando-se. Em 1496, o celibato foi excluído da regra e, em 1505, o voto de pobreza foi eliminado.

---

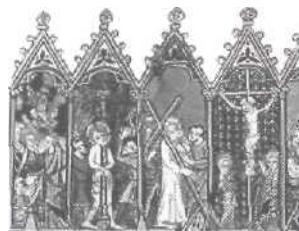
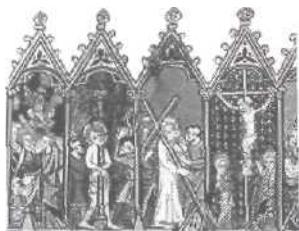
[39] Obra citada de J. V. Serrão, pp. 256-259

[40] Obra citada de Françoise Terseur e Eduardo Amarante, pp. 36-42.

[41] Obra citada, p. 11.

As bulas papais que abrandaram esses votos aumentaram, consideravelmente, o número de irmãos. Em 1495 a ordem contava com 80 capítulos e, em 1521, 454. Em 1515 a Ordem de Cristo passou a ser controlada pela Coroa, afastando-se parcialmente do poder papal. Em 1522, essa separação foi completa, dando origem a duas organizações: uma civil, outra religiosa, dentro da mesma Ordem, apenas com atribuições distintas. Com o passar dos anos, tornou-se notório o enfraquecimento do fundamentalismo cristão[42] e "ser membro dessas ordens transformou-se numa questão de honra, e prestígio".[43]

Até o final do século XV a Ordem de Cristo continuou empenhada nos Descobrimentos, mas após a descoberta do Brasil ela "(...) começou a desvanecer-se como flor que amarelece e morre, para depois gerar fruto rico de vitalidade e prenhe de renovação. Teriam seus membros participado de alguma missão secreta na descoberta do Brasil ou em sua colonização?".[44]

Vários fatores contribuíram para o declínio das Ordens Militares. Um deles foi o enfraquecimento dos ideais de cruzada por causa da completa cristianização do Ocidente europeu. Com a descoberta do Novo Mundo, a riqueza e a abastança oriundas dele afrouxaram de certa forma a disciplina e a austeridade religiosas. A evolução dos armamentos também tornaram obsoletas as suas táticas de combate e elas se transformaram em ordens honoríficas ou de mérito.

Quando, em 1789, a Ordem de Cristo perdeu em Portugal todo o seu caráter religioso, por imposição de D. Maria I, o Papa criou a "Suprema Ordem de Cristo". Ela é a maior ordem pontifical hoje existente (final do século XX), cuja vocação é puramente simbólica, e as adesões a ela restringem-se a momentos de importância transcendental. Nesse novo milênio que se inicia, a Ordem de Cristo, enquanto ordem militar, só existe na lembrança dos portugueses e na arquitetura de seus castelos e conventos que resistiram ao tempo em muitas regiões de Portugal, como, por exemplo, o Convento de Cristo na cidade de Tomar.

---

[42] Entenda-se por *"enfraquecimento do fundamentalismo cristão"* o arrefecimento das hostilidades religiosas observado em Portugal após a consolidação de seu território, no século XVI, anteriormente ocupado pelos mouros. A fé muçulmana não ameaçava mais o catolicismo, e com a expulsão dos mouros de seu território, Portugal pôde se lançar às novas conquistas do além-mar Seu mais provável inimigo, então, era a sua vizinha Espanha.

[43] Piers Paul Read, Os *Templários,* Rio de Janeiro, Imago Ed., 2000, p. 338.

[44] Jorge Tavares, *Templários,* Lello & Irmão Editores, 1984, p 59.

5

PORTUGAL-BRASIL: UNIDOS PELOS CAVALEIROS TEMPLÁRIOS

> "Não cometais injustiça nos vossos julgamentos: não dês vantagem ao fraco e não favoreças o grande, mas julga com justiça o teu compatriota.
>
> Não tenhas nenhum pensamento de ódio contra o teu irmão, mas não hesites em repreender o teu compatriota, para não te onerares com um pecado em relação a ele."
>
> Levítico 19,15-17

Quando, em 1319, o rei D. Dinis conseguiu, finalmente, transferir para a Ordem de Cristo todos os bens dos Templários em Portugal, supôs-se que o monarca estivesse não só preocupado com o futuro econômico-financeiro dos templários, mas também profundamente interessado nos conhecimentos empíricos dos seus membros. Séculos de experiência de navegação, principalmente conduzindo cristãos à Terra Santa, fizeram deles peritos no uso de instrumentos como o astrolábio e hábeis conhecedores das rotas marítimas. Tendo dedicado a sua vida a conquista e consolidação do território português, D. Dinis acalentava o desejo de ampliar o seu império além-mar, esperando o momento oportuno e os parceiros adequados para serem concretizadas as suas idéias.

O Infante D. Henrique, quinto filho de D. João I e de D. Filipa de Lencastre, tornou-se administrador e governador da Ordem de Cristo em 20 de maio de 1420, contando com valiosos recursos para a concretização de seu sonho ultramarino. D. Henrique era "(...) dado ao desporto e às artes, seu pai confiou-lhe a organização da frota concentrada no Porto, com gentes do Norte e da Beira, para a expedição a Ceuta, tendo reunido 70 navios grandes e muitos outros de abordagem. Destacou-se na conquista da cidade marroquina (1415), onde seu pai o armou cavaleiro com seus dois irmãos mais velhos. (...) A necessidade de navegar por

mares batidos por tempestades e sulcados por grossas correntes marítimas, que arrastaram até às Canárias navios encarregados da defesa costeira meridional do País, levou o Infante a iniciar a exploração dos mares (...). Para o adestramento técnico dos seus marinheiros e o arquivamento das experiências e realizações obtidas, D. Henrique cercou-se de peritos, fundando em Sagres uma autêntica escola náutica, trazendo a Portugal, entre outros mestres, o célebre cartógrafo Jafuda, ou Jácome de Malhorca, que com os elementos fornecidos pelos navegantes portugueses elaborou novas cartas náuticas. Entre os interesses determinantes da sua dedicação às navegações contavam-se os de ordem religiosa (espírito de cruzada, que lhe impunha a defesa e propagação da fé cristã), política e econÔmica".[45]

D. Henrique admirava o espírito das cruzadas e logo demonstrou forte interesse pela exploração dos mares, conseguindo influenciar seu pai e seus dois irmãos, os quais também eram entusiastas da expansão territorial. Apoiado pelo poder papal, empenhou-se na conquista de novas terras em África, não só para levar a fé cristã aos territórios dos infiéis, como também garantir os rendimentos das colônias africanas. Assim sendo, "em 1415, portanto decorridos apenas quatro anos sobre a assinatura da paz com Castela, o rei de Portugal, à frente de uma enorme expedição militar (19.000 combatentes, 1.700 marinheiros e 200 navios), conquistou a importante cidade de Ceuta, no Norte de África. Este fato é considerado como o ponto de partida da política oficial da expansão ultramarina".[46] Seis anos depois, o Infante D. Henrique tornou-se Mestre da Ordem de Cristo, e a expansão marítima ganhou novo alento. Partindo-se do Tejo ou da Escola Náutica, as caravelas cruzavam os mares com a cruz templária estampada em suas velas. As ilhas dos Açores e da Madeira foram colonizadas à medida que a costa africana ia sendo desbravada na tentativa de encontrar o reino de Prestes João (que hoje sabemos ser a Etiópia), no qual, conforme se noticiava, existiam fabulosos tesouros e ouro em quantidades exorbitantes. Sabia-se também que "(...) a penetração em África causaria uma guerra aos mouros como as precedentes lutas multisseculares. (...) A seguir a estas conquistas em Marrocos, as viagens marítimas desenvolveram-se *ao* longo da costa ocidental africana. Aludimos atrás à parte que nelas teve a Ordem de Cristo, continuadora dos templários (...).

---

[45] *O grande Livro dos Portugueses,* Círculos de Leitores, pp. 266-267.
[46] José Hermano Saraiva, *História de Portugal,* Publicações Europa-América, p. 131.

O papel desempenhado pela idéia de cruzada desde os descobrimentos portugueses está, pois, intimamente ligado à sua anterior evolução na guerra com os mouros".[47]

Em expedições formadas com pequenas embarcações, foram registrados, corrigidos e aperfeiçoados os mapas dos vários acidentes geográficos. As caravelas usadas em Portugal em 1442 foram desenvolvidas nos estaleiros de D. Henrique. Ela era rápida, leve e fácil de ser manobrada. Robusta o suficiente para enfrentar mar bravio, porém pequena e mais adequada para explorar litorais, costear praias perigosas e navegar em mares rasos. Sua construção foi uma conquista técnica dos portugueses e para a defesa dessa exclusividade de utilização As *Ordenações Manuelinas* determinavam o seguinte: "Mandamos e defendemos que nenhuma pessoa de qualquer condição que seja não venda aos estrangeiros caravelas; (...) nem as vá lá fazer ao estrangeiro".[48] Com os conhecimentos náuticos de que dispunha, a Ordem de Cristo prestou serviço insofismável à coroa portuguesa, por causa da perigosa navegação costeira do Atlântico. Em 1418, na Bula *Sane Charissimus,* o Papa Martinho V concedeu à Ordem a administração civil e religiosa das terras tomadas aos infiéis (na verdade aos nativos), em recompensa aos anos de esforço diplomático do Infante para pôr fim ao conflito existente entre Roma e os antigos cavaleiros templários. Com o Infante D. Henrique foram lançadas as bases para o descobrimento do Brasil.

A Espanha também vislumbrou a oportunidade de igualar-se ao poderio marítimo português e, conseqüentemente, obter dividendos semelhantes às terras conquistadas. Em 1480, deu-se uma disputa na fronteira entre Portugal e Espanha ocasionando, catorze anos mais tarde, na elaboração do Tratado de Tordesilhas, em que "o mundo era dividido em dois hemisférios, demarcados por uma linha de pólo a pólo que passasse 370 léguas a ocidente das ilhas de Cabo Verde: a ocidente desse hemisfério, as terras novas pertenceriam à Espanha; as descobertas a Oriente pertenceriam a Portugal".[49]

---

[47] Carl Erdmann, *A idéia de cruzada em Portugal,* Coimbra: Publicações do Instituto Alemão da Universidade de Coimbra, pp. 505-506.

[48] *Ordenações de D. Manuel,* 1.5., título LXXXVIII.

[49] Obra citada de José Hermano Saraiva, p. 151.

D. Manuel I foi o monarca que se mostrou mais interessado pelo comércio marítimo e pela exploração colonial. Vasco da Gama descobriu o caminho para as Índias e foi recebido triunfalmente quando retornou a Portugal, sendo recompensado pelo monarca com a nomeação de almirante-mor das Índias. Desde então, tornou-se necessário gerir o território asiático de uma forma diferente daquela adotada na África, devido à capacidade defensiva superior dos povos asiáticos e também à dificuldade de aculturamento aliada à distância. Assim sendo, servindo-se de diplomacia política, D. Manuel I sugeriu uma aproximação baseada não na força bélica, mas na troca de conhecimentos e nas relações comerciais.

Álvares Cabral, um cavaleiro da Ordem de Cristo, partiu do rio Tejo, em Lisboa, em 8 de março de 1 500, em direção às Índias, tendo em vista a criação de uma feitoria. Sua armada era formada de 13 navios e 1,5 mil tripulantes, a maior expedição já organizada por Portugal. A bordo, nobres, estudiosos, degredados e artesãos representavam uma amostra da sociedade portuguesa. Oito frades franciscanos vinham liderados por Henrique Soares, proeminente figura do clero português, que celebrou a primeira cerimônia cristã em solo brasileiro. O frei Henrique Soares declarou que a viagem da descoberta foi feita em honra e obediência à cruz, ou seja, a empreitada que lançou os portugueses aos mares foi uma saga alimentada em grande parte pelo fervor cristão. A opulenta Ordem de Cristo foi quem organizou e financiou grande parte desse empreendimento. Não se pode deixar de reconhecer que o descobrimento do Brasil foi motivado também pelo direito que os reis lusitanos tinham na evangelização das novas terras conquistadas. Para o mestre de história Walter Ângelo Fernandes Aló, da Universidade do Rio de Janeiro, a religiosidade dos portugueses foi um fator decisivo para a descoberta do Brasil. "Desde o tempo das cruzadas, das quais participaram ativamente, os portugueses encararam as conquistas como uma espécie de missão"; isto é, para o historiador as motivações religiosas foram tão importantes quanto as econômicas. "O povo português acreditava-se predestinado por Deus para grandes realizações. Após mais de cinco séculos sob o domínio muçulmano, Portugal pressentiu no fim do feudalismo o início de uma nova *era.* O entusiasmo e o sentimento libertário motivaram a conquista de novas terras e almas."[50]

[50] *Eclésia, A revista evangélica do Brasil,* abr. 2000.

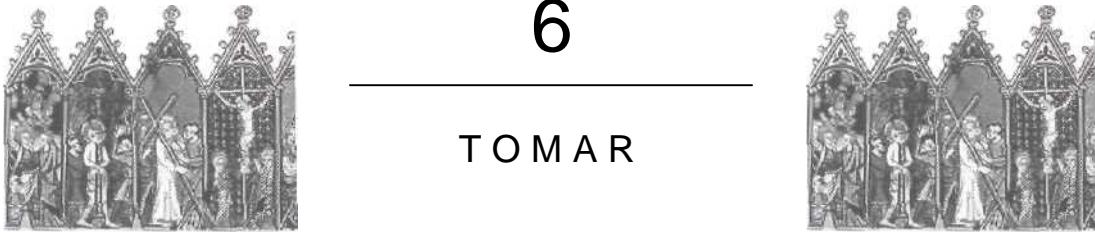
Pesquisas recentes publicadas pelo historiador português Jorge Couto da Universidade de Lisboa[51] revelaram que D. Manoel I já tinha conhecimento da existência do Brasil antes da expedição de Cabral. A tese do historiador baseia-se em um manuscrito produzido por Duarte Pacheco Pereira, intitulado de *Esmeraldo de situ orbís* (O tratado dos novos lugares da Terra, por Manoel e Duarte), que ficou desaparecido por quase quatro séculos. Duarte Pacheco foi um gênio da astronomia, navegação e geografia. Era um homem da mais absoluta confiança do rei D. Manoel l e desembarcara no Brasil, nas proximidades da fronteira do Maranhão com o Pará, entre novembro e dezembro de 1498, portanto um ano e meio antes de Cabral. De regresso a Lisboa fez um relato composto de cinco partes, num total de 200 páginas, ao rei D. Manoel I. A melhor prova do descobrimento do Brasil encontra-se no seguinte excerto resumido do capítulo segundo da primeira parte do *Esmeraldo:*

"Como no terceiro ano de vosso reinado do ano de Nosso Senhor de mil quatrocentos e noventa e oito, donde nos vossa Alteza mandou descobrir a parte ocidental, passando além a grandeza do mar Oceano, onde é achada e navegada uma tam grande terra firme, com muitas e grandes ilhas adjacentes a ela e é grandemente povoada. Tanto se dilata sua grandeza e corre com muita longura, que de uma arte nem da outra não foi visto nem sabido o fim e cabo dela. É achado nela muito e fino brasil com outras muitas cousas de que os navios nestes Reinos vem grandemente povoados."

D. Manoel considerou a descoberta como um segredo de Estado e manteve o manuscrito em sigilo. Para o historiador José Manoel Garcia "a viagem de Cabral continua a ser considerada o descobrimento oficial do Brasil apenas por uma questão de tradição e comodidade".

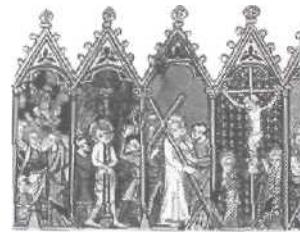
Porto Seguro, assim batizada pela calmaria das suas águas e pela beleza natural da sua paisagem, acolheu no dia 26 de abril de 1500 a armada portuguesa que, ao invés de ter seguido viagem para as Índias, rumou para o Ocidente passando por Cabo Verde. A bandeira com a cruz de Cristo foi içada neste novo território e a primeira missa foi celebrada.

---

[51] Jorge Couto, *A construção do Brasil: ameríndios, portugueses e africanos, no início do povoamento a finais de quinhentos. Lisboa:* Cosmos, 1997.

"A principal riqueza da terra recém-descoberta foi, durante muitos anos, o pau-brasil, árvore cujo cerne, intensamente vermelho, tinha aplicação na tintuaria e cuja madeira, de uma grande resistência, era usada na construção de móveis e de navios. O nome que os descobridores deram à nova terra - Vera Cruz - foi rapidamente substituído peia designação do principal produto que de lá se trazia."[52]

Estava assim concretizado o mais ambicioso projeto dos cavaleiros de Cristo — a descoberta do Brasil —, o qual foi formalmente incorporado às propriedades de sua organização. Mas, para que essa empresa fosse bem-sucedida, a colaboração dos soberanos portugueses foi fundamental, pois estes acreditavam na existência de terras a ocidente de África.

Em 7 de setembro de 1822, D. Pedro declarou a independência do Brasil ao tornar-se seu primeiro imperador. Embora lhe fosse conferido o grau de cavaleiro da Ordem de Cristo, D. Pedro não regeu o império como Grão-Mestre, mas como Imperador. Com a morte de seu pai, D. Pedro tornou-se rei de Portugal e reivindicou à Santa Sé sobre a possibilidade de a instituição da Ordem de Cristo no Brasil funcionar deforma autônoma. O Papa Leão XII, através da Bula *Praeclara Portugaliiae Algarbiorumque Regum,* de 15 de maio de 1827, concedeu-lhe a permissão, mas conflitos políticos internos no Brasil impediram a sua concretização. Só em 1843 a Ordem de Cristo foi oficialmente reconhecida, autonomamente, no Brasil, tendo atuado no país até à República Constitucional de 1891.

---

[52] Obra citada de José Hermano Saraiva, p. 167.

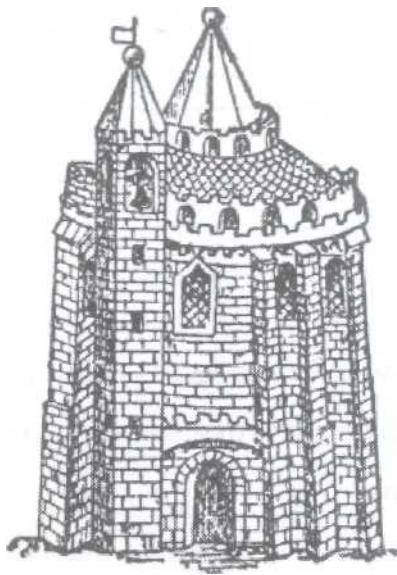
6

TOMAR

"Quando se gosta da vida, gosta-se do passado, porque ele é o presente tal como sobreviveu na memória humana."

Marguerite Yourcenar

"O passado não sabe o seu lugar: o passado é sempre presente."

Mario Quintana

A inclusão de um capítulo especificamente dedicado à cidade de Tomar poderá parecer, aos olhos de quem desconhece a sua história, inadequado. Mas, *na* realidade, numa obra sobre a Ordem do Templo e a que lhe sucedeu em Portugal, a Ordem de Cristo, a cidade banhada pelo rio Nabão tornou-se importante para a compreensão da fundação de Portugal e do período dos seus Descobrimentos.[53] Não obstante ter sido a sede dos cavaleiros Templários e recebido a visita de ilustres monarcas, por exemplo, D. Manuel em 1510, que lhe concedeu foral novo, e D. Maria II em 1844, e ter sido fundada por Gualdim Pais, figura mítica dos templários portugueses, há outros fatores importantes que fizeram de Tomar a cidade templária por excelência.[54] A cidade foi fundada em ponto estratégico quer do ponto de vista militar, quer religioso. Segundo Loução (2000, p. 261), "Tomar está precisamente no cruzamento de correntes telúricas, assim como Santiago de Compostela. São lugares propícios à atividade espiritual, às teofanias, à manifestação do sagrado".

---

[53] Paulo Alexandre Loução. *Os templários na formação de Portugal,* 4[a] ed., Lisboa: Ésquilo, 2000.
[54] Ibid., p. 260.

Com a extinção da Ordem do Templo e criação da Ordem de Cristo, o Infante D. Henrique, nomeado pelo Papa como Regedor desta Ordem, instalara-se no castelo de Tomar, transformando a cidade num centro gerador e principal sustentador de toda a epopéia dos Descobrimentos. Segundo Loução (2000, p. 267) "Em Tomar está a raiz do espírito que animou a formação de Portugal e, posteriormente, os Descobrimentos. Neste lugar as elites portuguesas durante séculos moldaram os valores da nação e apuraram a estratégia da sua expansão. Foi uma ilha de conhecimento e harmonia no período medieval". Tomar notabilizou-se também pela lenda sobre a existência de um possível tesouro pertencente aos templários. Uma das explicações possíveis sobre a origem de seu nome deveu-se à existência do tomilho, vegetação local encontrada em abundância no rio Nabão. A planta era conhecida pelos gregos por *thýmon,* e os romanos

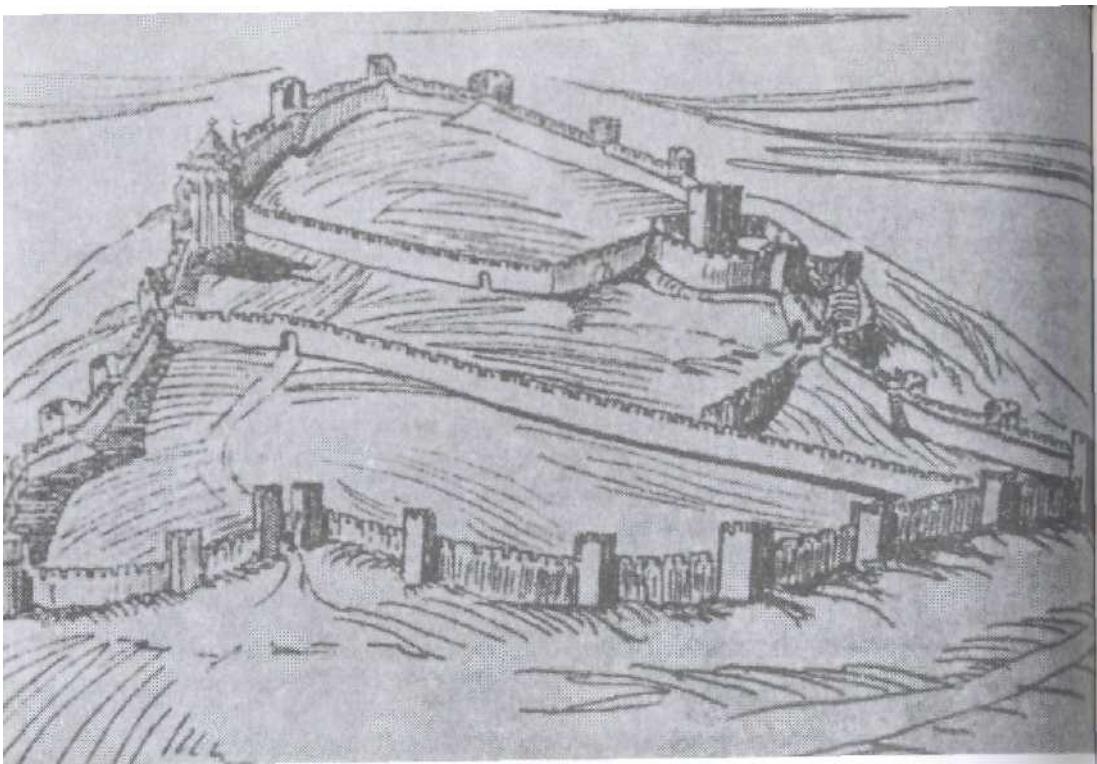
A Igreja dos Templários em Tomar segundo uma Iluminura de 1506

a denominavam *thymum* (vulgarmente *tumum),* sendo adaptada posteriormente pelos mouros de acordo com a índole de sua língua, sofrendo um processo de arabização, originando *thomar* e depois Tomar. Outra hipótese sobre a origem de seu nome, talvez a mais correta, é ter como étimo *Theodemari,* ou *villa de Theodemarus,* uma *villa* de origem romana.

"O castelo de Tomar foi o mais importante castelo-mosteiro dos Templários em território lusitano. A 'Festa dos Tabuleiros' foi instituída

no Séc. XIV pela rainha Santa Isabel, esposa de D. Dinis, precisamente após a dissolução da Ordem do Templo e a criação da Ordem de Cristo para substituí-la e acolher os seus membros."[55] "Tomar constitui um autêntico museu, tantos e tão valiosos são os seus monumentos que recordam séculos de arte desde o românico ao barroco."[56] "(...) E o mesmo se diz da tela natural que a vista abrange do Convento de Cristo, que parece coada pela grelha da grande janela inspirada. A impressão que se recebe tem a brandura de uma carícia. O Nabão, embaixo, só por obrigação profissional se movimenta. Dir-se-ia que reprime a própria fúria, para, em vez de ser um rio passando, ser um espelho refletindo. E toda esta harmoniosa presença dos relevos, este encaminhar das águas nas pontas dos pés, este velado sorriso das cores, é como o início de uma santa missa do espírito, que o espírito acaba de celebrar."[57] "Se eu posso imaginar um castelo templário, assim é Tomar. Chega-se a ele por um caminho fortificado que passa junto dos bastiões exteriores, com seteiras em forma de cruz, e logo se respira uma atmosfera de cruzes, desde o primeiro instante. Os Cavaleiros de Cristo naquele sítio tinham prosperado durante séculos."[58]

É assim que se entende a necessidade de se dedicar algum tempo à cidade de Tomar, que teve nos primórdios de sua civilização os Túrdulos, prováveis moradores da povoação chamada Nabância, em 480 a.C. Conforme Ribeiro, (2001, Internet), próximo a Tomar, no sítio de Marmelais, um numeroso espólio romano de estátuas, mosaicos, ruínas de casario e arruamentos de secular urbanização atestaram a existência da Nabância. Descobertas arqueológicas comprovaram também que um agrupamento populacional romano, denominado Sellium, existiu à margem esquerda do Nabão. Em 1952 encontrou-se numa sepultura de uma necrópole resíduos de tijolos, um peso de um tear de barro, uma lâmina de faca, argolas de vidro e diversas moedas dos séculos III e IV. Quando, em 1° de março de 1160, D. Gualdim Pais ordenou o início de construção do célebre Castelo de Tomar, a história da cidade nabantina estava decididamente traçada: seria, inevitavelmente, um local mítico, singular.

---

[55] Eduardo Amarante, *Templários: aspectos secretos da ordem,* pp. 36-45.
[56] Manuel Alves de Oliveira, *Guia Turístico de Portugal de A a Z,* p. 295.
[57] Miguel Torga, in *Portuga,* p. 54.
[58] Umberto Eco, O *Pêndulo de Foucault,* p. 14.

Reconstrução esquemática do Castelo de Tomar, em Portugal segundo um desenho do arquiteto JL da Costa Rosa. (Os lados, torres e estrutura geral coincidem com o esquema esotérico templário)

O local fora escolhido, segundo Ribeiro (2001, Internet), " (...) de acordo com critérios romanos de ocupação, os quais consistiam nas regras seguidas para a eleição, sacralização e instalação territorial, quando o homem sabia organizar o seu espaço vital à medida e semelhança das configurações celestes que lhe presidiam."

Fundado no século XII, o castelo fora idealizado por D. Afonso Henriques e Gualdim Pais para consolidar a posse de territórios conquistados e ser cabeça da Ordem do Templo. Para a sua construção utilizou-se muita pedra da cidade-morta de Além da Ponte, a Sellium romana, na margem fronteira do rio Nabão. Gualdim Pais escolhera o local para a construção do castelo por causa da abundância de pedras e pelo fato de as águas serem boas. O projeto de construção do castelo era de avançada arquitetura militar: consistia de duas cintas de muralhas e o emprego conjunto de torres redondas e cubelos. A estrada que ligava Santarém a Coimbra precisava ser defendida de ataques muçulmanos e de possíveis travessias do Tejo, pois ameaçavam diretamente Santarém e Lisboa. Em 1190 o castelo sofreu um ataque de Iacub ben Iuçuf Almançor, emir do Marrocos, que vinha à frente de grande exército, após ter destroçado Santarém, Torres Novas e Abrantes. A população de Tomar

refugiou-se no castelo e conseguiu repelir os islamitas causando-lhes muitas baixas. Segundo Machado (1936, p. 11-14), "Gualdim Pais (...) travou aqueles muros com os píncaros do monte, despenhado e fragoso". No dizer seguro de Alexandre Herculano (História de Portugal, 1853), "Era um dos mais fortes de Portugal e, talvez, o mais bem defendido, por estar confiada a sua guarda aos Templários, que nele tinham feito o centro da Ordem, estabelecendo aí a sua casa capitular. (...) Não avultam no castelo de Tomar as construções ciclópicas de granito, ou as silharias arrogantes de outros castelos".

Em uma inscrição do castelo de Tomar pode-se ler o seguinte: "IN E MC LX VIII REGNANTE ALFONSO ILLVSTRISSIMO REGE PORTVGALIS DOMNUS GALDINVS MAGISTER PORTVGALENSIUM MILITVM TEMPLI CUM FRATIBVS SUIS PRIMO DIE MARCII COEPIT AEDIFICARE HOC CASTELVM NOMINE THOMAR QVOD PERFECTUS REX OBTVLIT DEO ET MILITIBUS TEMPLI", ou seja, "Na era de 1168, reinando Afonso, ilustríssimo rei de Portugal, Dom Gualdim, mestre dos cavaleiros portugueses do Templo, com seus freires, começou no primeiro dia de março a edificar este castelo, chamado de Tomar, o qual, depois de concluído, o rei ofereceu a Deus e aos cavaleiros do Templo." Enquanto crescia na povoação um sentimento de colaboração entre os cavaleiros e seus habitantes, na França, Filipe, o Belo, conseguia a extinção da Ordem com insultos, torturas e ameaças. Em Tomar, D. Dinis nem por um momento duvidou das boas intenções da Ordem do Templo e, pouco tempo depois, os bens dos templários foram transferidos para a Ordem de Cristo, a qual se instalou em sua sede às margens do rio Nabão.

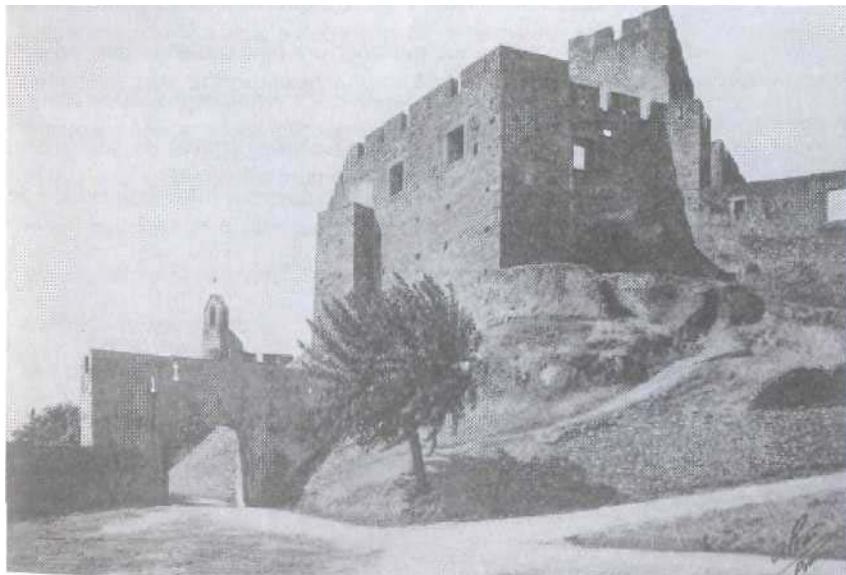
Em 1523, D. João III fez representar a *Farsa de Inês Pereira,* de Gil Vicente, no Convento de Cristo. A importância do conjunto arquitetônico da cidade fez com que a UNESCO, em 1984, reconhecesse o Convento de Cristo como um patrimônio de interesse mundial. Trata-se de um dos principais monumentos da arquitetura portuguesa em que estão representadas todas as etapas estéticas compreendidas entre os séculos XII e XVIII. É possível estabelecer uma correspondência entre o período artístico e o histórico no Convento de Cristo. Por exemplo, o período românico com os templários; o gótico e manuelino com as descobertas; o renascentista com a reforma da Ordem; e para finalizar o barroco com seus ornamentos arquitetônicos. Os claustros do Convento são sete, dentre eles o de D. João III, que é a mais importante obra do período renascentista executada pelo arquiteto Diogo de Torralva. Na janela da casa do capítulo, parte integrante do Convento e representativa do período manuelino,

vislumbram-se elementos do contato ultramarino com sugestões vegetalistas, marítimas, realistas e um evidente sentido épico. Em 1896, Ramalho Ortigão a descreve em sua obra *O Culto da Arte em Portugal* como: "(...) a flamejante janela da sala do capítulo é a obra mais eloqüente, mais convicta, mais poética, mais entusiasticamente patriótica, mais estremecidamente portuguesa, que jamais realizou em nossa raça o talento de esculpir e de fazer cantar a pedra".

O conde Raczynski afirmava ser o Convento "(...) o remanescente mais importante da antiga grandeza de Portugal".[59] A charola faz parte do convento e foi construída de acordo com as mesquitas sírias, estilo arquitetônico adquirido pelos cavaleiros peia influência que tiveram do contato com o Oriente. Trata-se de um santuário raríssimo da Alta Idade Média inspirado na Ermida de Ornar, em Jerusalém. No início do século XVI ela servia de oratório dos Templários, mais tarde passou a ser a capela-mor do Convento. D. Manuel foi quem ordenou a sua decoração com esculturas e pinturas. De acordo com Loução, *(Os templários na formação de Portugal,* p. 269), a Igreja de São João Baptista, patrono dos templários, merece algumas considerações pelo fato de seu padroeiro, conforme certas tradições da Ásia Menor, ter sido um grande mestre espiritual e líder de uma confraria. Os seguidores de São João Baptista eram chamados de mendaitas, cuja doutrina gnóstica, embora não tivesse nada a ver com o cristianismo, causava alguma simpatia nos cavaleiros templários, talvez por isso a escolha do patrono. Essa igreja remonta à época quando D. Henrique era governador de Ceuta, tendo sido reconstruída por D. Manuel I. O pintor Gregório Lopes é o autor dos imensos painéis que pendem da nave.

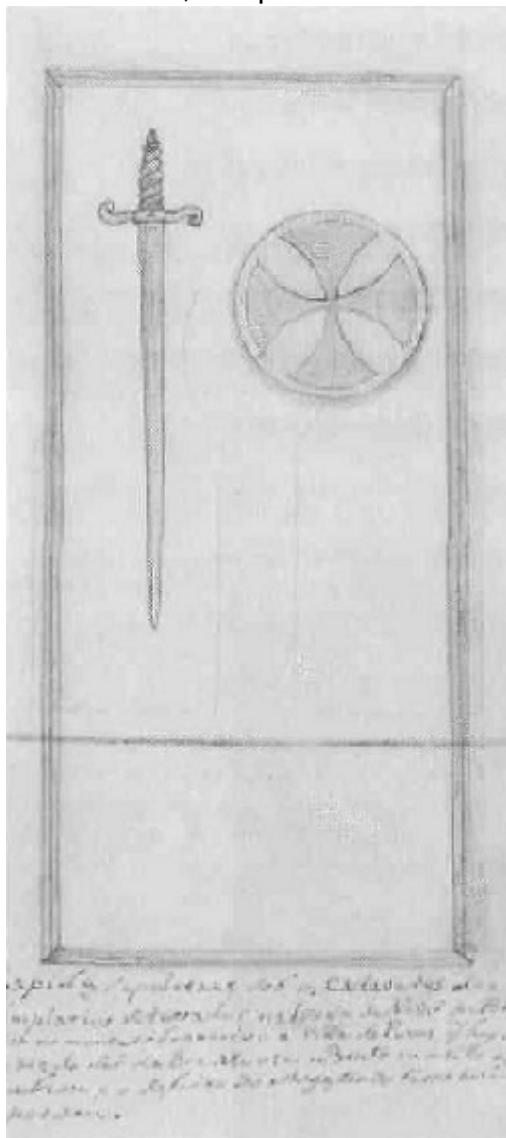
A Igreja de Nossa Senhora da Conceição foi construída por Frei Antônio de Lisboa, em 1530. Localiza-se no topo do monte onde se elevam o Convento de Cristo e o Castelo dos Templários. Trata-se de uma pequena basílica constituída de três naves com colunas de ordem coríntia. É um exemplo de arquitetura renascentista.

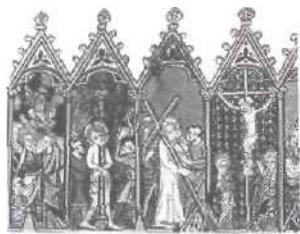
A Capela de S. Lourenço foi construída por Aires de Quental, e em seu exterior um padrão assinala a junção dos exércitos do Mestre de Avis e de D. Nuno Alvares Pereira, em 1385, antes de seguirem para a batalha de Aljubarrota.

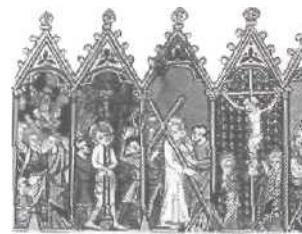
Citações retiradas da obra de José-Augusto França, respectivamente p. 62 e 75.

A igreja de Nossa Senhora do Olival ascende à segunda metade do século XIII. Há muito que se especula sobre a existência de um túnel que a ligaria ao Castelo dos Templários, mas isso não se comprovou. Sua construção foi anterior ao Castelo e supõe-se ter sido a primeira sede da Ordem do Templo. Nela estão os túmulos de mais de vinte Mestres do Templo e o primeiro da Ordem de Cristo, D. Gil Martins. Há um fato curioso relatado por Loução (2000, p. 263) sobre essa igreja, porque é a única em Portugal em que se desce para entrar. Segundo Loução *(op. cit.* p. 263) "Este fato provoca a sensação psíquica de regresso ao útero da terra, 'às águas genesíacas de Nossa Senhora', para se ir beber 'o leite espiritual' e renovar a alma".

Em 1627, D. Filipe III criou a Feira de Santa Iria, em memória da jovem da Nabância (Região de Tomar), por causa do trágico martírio a que fora submetida. Segundo a tradição do lugar, Iria era descendente de família abastada e havia sido educada num mosteiro de freiras beneditinas no qual viria a professar. Muito bela, despertou o interesse dos jovens fidalgos, dentre eles Britaldo, que alimentava por ela uma paixão doentia, porém a jovem não lhe correspondia nessas investidas amorosas porque era uma devota de Deus. Remígio era monge e seu guia espiritual. Enciumado, deu à jovem uma bebida enfeitiçada que fez com que aparecesse nela sinais de gravidez. Expulsa do convento, a pobre donzela foi para o rio orar, sendo assassinada por um criado de Britaldo. Seu corpo fora encontrado depois, perto de Santarém, nas areias do rio Tejo, e estava incorruptível. Embora seja uma lenda, o fato é que o convento que tem o seu nome, situado na margem esquerda do rio Nabão, resistiu ao tempo e integra o conjunto arquitetônico de Tomar.

Em 1701, a vila contava com novecentos habitantes e continuava recebendo o apoio dos monarcas portugueses. Sua população com isso triplicou em menos de um século depois. Em 1810, Tomar sofreu com as invasões napoleônicas e com a extinção das ordens religiosas, mas foi elevada à categoria de cidade em 1843. Jácome Ratton, que também foi cavaleiro da Ordem de Cristo, deu início ao seu empreendimento fabril, trazendo o desenvolvimento industrial, em que se destacaram: a criação da Fábrica de Papel do Prado em 1836; a Fábrica de Papel de Porto de Cavaleiros, inaugurada em 8 de março de 1882; a Escola de Desenho Industrial de Jácome Ratton em maio de 1884; e em 9 de dezembro de 1900 foi lançada a primeira pedra do Edifício da Central Elétrica de Tomar. Em 1912, Manuel Mendes Godinho começa a operar a sua Fábrica de

Moagens, dando origem à formação do maior complexo industrial do concelho de Tomar.

Quando, em novembro de 1837, António Bernardo da Costa Cabral adquiriu o Convento de Cristo, muitos ficaram surpresos, mas a sua ação revelou-se positiva, porque o Conde de Tomar pôde realizar várias obras de restauração em sua estrutura. Esse monumento tornou-se propriedade do governo português, em 1934, por iniciativa do ministro das Finanças, Oliveira Salazar. No início do século XX, a cidade possuía cerca de sete mil habitantes, e um crescimento pujante fez-se notório com a construção de estradas de ferro, instalação de indústrias e a realização de arruamentos. Em 1950, a população aumentou para quase doze mil habitantes, fazendo de Tomar uma das cidades mais populosas do país. Em 1980, a cidade atingira a marca dos dezoito mil habitantes, um número considerável. Na década de noventa o concelho de Tomar continuou crescendo, embora a população de sua cidade tenha se dispersado pelas aldeias adjacentes, causando certa estagnação em seu índice de crescimento populacional.

Tomar: Monumento de Christo - Castelo - Porta de S. Tiago

Tomar é uma cidade mística e também a síntese de quase oito séculos da história de Portugal. Nela, os representantes das três maiores religiões monoteístas, os cristãos, os muçulmanos e os judeus, deixaram na arquitetura de seus monumentos e símbolos o esoterismo da cidade. Os estudos arqueológicos e arqueoastronômicos que se fizerem ainda terão campo fértil para várias descobertas surpreendentes. Tomar deve ser

visitada com a alma calma e o espírito aberto para que se possa sentir no Convento de Cristo a energia templária que emana há séculos. A palavra *mistério* provém do grego *muô* e significa "fechar a boca" e o voto de silêncio era necessário para a realização das cerimônias dos Templários, a fim de que determinados conhecimentos não fossem revelados às pessoas que pudessem usá-los de má-fé. O cavaleiro Gervais de Beauvais afirmou ao advogado Raoul de Prestes, durante o processo que foi movido contra os templários, que havia "na Ordem um regulamento tão extraordinário e sobre o qual deveria ser guardado um tal segredo, que qualquer um teria preferido que lhe cortassem a cabeça a revelá-lo".[60] Ainda hoje pode-se sentir a energia poderosa dos cavaleiros através de sua gente, os tomarenses, os quais herdaram a misteriosa cidade de Tomar.

Raridade encontrada na Divisão de Manuscritos da FBN acompanhando os dizeres: *"Lápides sepulcrais sob os cadáveres dos templários soterrados na Igreja de Nossa Senhora dos povos sita no monte sobranceiro à Villa de Povos,* que *hoje se diz do Snr. Da Boa Morte. Bruto matello as quebrou, e o desleixo do magistrado territorial os perdeu"*

[60] Paulo Alexandre Loução, Os *templários na formação de Portugal,* p. 73.

7

A ORDEM DO TEMPLO E SUA TRANSFORMAÇÃO

"Porque não há futuro para quem faz o mal
e a lâmpada dos maus se apagará."

Provérbios 24,20

Com a bula *Vox in excelso,* o papa Clemente V aboliu a Ordem do Templo. Dentre as várias acusações alegadas para a sua extinção constavam o pecado da apostasia, o crime de detestável idolatria e o execrável ultraje da sodomia. Outra bula subsequente a essa, a *Ad providam,* determinava a transferência dos bens dos templários para os hospitalários, exceção feita aos templários em Aragão, Castela, Portugal e Maiorca, cuja decisão seria dada posteriormente. Em Portugal permitiu-se que o rei D. Dinis criasse uma nova ordem militar, a Ordem de Cristo, para a qual foram transferidos os bens pertencentes aos templários. É provável que a Ordem do Templo tenha funcionado algum período na clandestinidade com seus membros reunindo-se secretamente. Suas possessões foram expropriadas e seus membros ingressaram em outras ordens religiosas. Uma das causas de sua subsistência talvez tenha sido a manutenção de atividades secretas, hipótese levantada por alguns historiadores, embora não se tenha encontrado ainda documentos comprobatórios. Segundo Atienza, não seria surpreendente constatar-se o funcionamento de ordem esotérica proscrita após a sua extinção. Independentemente de como isso se deu, o fato é que existem algumas organizações que se consideram descendentes diretas da Ordem do Templo de Jerusalém. Alguns de seus membros chegam a afirmar que, desde a sua fundação no século XII, mantiveram-se em atividade ininterrupta. Embora essa atividade ao longo dos séculos careça de comprovação, o fato é que essas organizações possuíram um enorme número de adeptos que prestaram relevantes serviços de benemerência não só na manutenção e difusão da história dos templários para as novas gerações, mas também na preservação de seu patrimônio sociocultural. Por isso, algumas

organizações se adaptaram à contemporaneidade a fim de preservarem alguns dos ideais de seus fundadores originais.

7.1. Aliança Federativa Internacional da Ordem Militar Soberana do Templo de Jerusalém *(International Federative Alliance of the Militar Sovereign Order of the Temple of Jerusalém)*

É a organização que conta em seus quadros com o maior número de membros e tem como modelo a Ordem do Templo. Vem atuando de forma consistente e ininterrupta desde a década de 1 980, conciliando Priorados e Grandes Priorados em vários países: Brasil, Inglaterra, Itália, Estados Unidos e Portugal. Possui um Grande Concílio de Priores que são membros formados pela Alemanha, Escócia, Espanha, e tem como seu principal membro a OTAN, que representa e delibera em nome de toda a organização. Apesar de sua atuação positiva, os primeiros anos foram de muitas dificuldades, pois a organização não atingira um nível organizacional que impedisse rupturas internas. Para mudar esse quadro, em janeiro de 1996, o Instituto Gualdim Pais, sediado em Sintra, convidou o Grande Priorado da Inglaterra e País de Gales para reunirem-se em um Congresso, que se realizou de 26 a 28 de abril no Convento de Cristo, na cidade de Tomar. O Grande Priorado aceitou e estendeu o convite a toda a Aliança, a qual aproveitou o tema "Ordens de Cavalaria no século XXI - Que papel?", para dar uma visão geral sobre o tema proposto. O honorável Cavaleiro Templário Luis Carlos de Matos, grande prior autônomo de Portugal da Soberana Ordem Militar do Templo de Jerusalém, foi o anfitrião que organizou, especialmente para a ocasião, uma cerimônia de investidura.

O Congresso realizado em 26 de abril de 1996 teve a participação da Ordem dos Cavaleiros de Colombo, da Ordem de São João de Malta e da Ordem da Cavalaria do Sagrado Portugal, entre outras; contou com o secretário-geral da Aliança Fernando de Toro, que conclamou para a união de todos os priorados do mundo. Dois oradores, o Dr. Nicolas Haimovici e Ronald Mangum, dissertaram, respectivamente, sobre a importância da perfeição espiritual e das obras de caridade da Ordem. Luis de Matos discursou sobre os ideais de fé, esperança e caridade, ilustrando-os com poesias sobre os cavaleiros em Portugal. A Aliança e o Grande Concílio de Priores deliberaram sobre a concretização do denominado "Protocolo de Tomar", o qual traçou diretrizes de atuação para a Ordem e revelou a sua situação no mundo.

Nesse documento várias indagações foram feitas, dentre elas, por exemplo: "(...) estamos reduzidos a um clube excêntrico?"; "(...) quão dividida e

incompreendida a Ordem se encontra hoje"; "o tempo de entendimento chegou. Não podemos perder mais tempo. Com a assinatura do Protocolo, e no movimento em direção à unidade, novas e excitantes oportunidades vão surgir no nosso horizonte. Podemos afirmar, pela primeira vez neste século, e talvez pela primeira vez na história moderna, que a Ordem encontra-se num momento de transição. Não tivemos uma unidade de atuação durante séculos, e eventos passados proibiram-nos de olhar na direção correta e vislumbrarmos o que nos dividia. O trabalho não terminou. Temos ainda pela frente uma longa caminhada para podermos afirmar que a construção do Templo foi concluída. (...) Uma nova visão da Ordem é necessária há alguns anos. Às vezes, esquecemo-nos de quem somos, o que estamos fazendo e o que se espera de nós. Não encontramos nenhuma intenção ou propósito claros nas ações da Ordem nas últimas duas ou três décadas. Parece até que a Ordem se limitou a apenas existir. Não alcançamos nada. E por quê? Porque não tínhamos objetivos claramente definidos, como um bom economista nos diria. Porque não tínhamos planos. O Protocolo de Tomar é o primeiro documento que tenta retificar esse erro. Vamos crescer novamente, abrir novas oportunidades para a Ordem e para todos os Priorados e definir quais são os objetivos que consideramos importantes para se evitar a inércia em que se encontra a organização". Durante o Congresso foram apresentadas as atividades do Instituto Internacional de Estudos Templários, que tem a função de "promover pesquisas e estudos relacionados com a Ordem — passado e presente — e que promoverá diversos eventos: congressos, conferências e exibições. Para o encerramento do Congresso, a todos os participantes foi servida uma ceia com receitas típicas medievais, após a qual dois noviços foram iniciados.

Em maio de 1997, na cidade de Lisboa, em sua reunião mundial, a unidade da organização voltou a ser discutida, assim como a definição de suas diretrizes. A Aliança Federativa Internacional atuou de forma mais coesa e obteve resultados significativos, porque seus membros não se envolveram em conflitos entre si, e seus Priorados agiram de maneira convergente. Coube ao Instituto Gualdim Pais a execução do *Geogaphic Project.* Este foi um projeto que se realizou em dois anos, o qual se dividiu em dois objetivos: compilar o maior número possível de informação histórica sobre os cavaleiros e depois submeter toda essa informação recolhida aos membros do Instituto para estudo e pesquisa.

A Ordem do Templo de Jerusalém conta com um órgão de comunicação, *Temple,* cuja editora é a Dama Stella Bernardi, que divulga ao público em geral conhecimentos da Ordem Cristã e sua devoção espiritual a

Jesus Cristo para a manutenção dos princípios éticos e morais do cristianismo. Visa, também, a promover a cristandade, a caridade e o cavalheirismo, amparando os pobres, os doentes e os injustiçados ao encorajá-los para os nobres ideais de cavalaria e pela manutenção de monumentos e arquivos da história dos cavaleiros templários.

7.2. Ordem dos Cavaleiros Templários *(The Order of the Knight Templars)*

Seu líder máximo intitula-se *Grand Knight Chancellor Savant, e é* eleito pelo Grande Concílio, órgão responsável pelos assuntos relacionados com a Ordem, e no *Registar,* outro órgão encarregado das novas admissões, bem como de assuntos referentes aos cavaleiros veteranos. As *preceptories* ou comunidades estão imediatamente subordinadas à justiça soberana do Grande Concílio, mas sua constituição e atividades são autônomas, obrigando-se tão-somente a apresentarem periodicamente relatórios detalhados de sua atuação ao órgão máximo. A Ordem subdivide-se em cinco grandes esferas: *Court Savant (*compõe-se de 25 membros e são os representantes em maior grau da organização); Court *Spiritual* (compõe-se de fiéis de diversas religiões que são responsáveis em promover o misticismo dos cavaleiros da Ordem); *Court Jurisprudence* (espécie de corte ou tribunal para a defesa judicial não só da Ordem, bem como de seus membros); *Court Curative* {compõe-se de membros com comprovada capacidade de cura de doentes) e *Court of Antiquities* (compõe-se dos membros mais antigos e proeminentes, depositários de informações relevantes da Ordem dos Cavaleiros Templários).

Existem dois tipos de comunidade: a Grande, que governa uma grande região, geralmente um país, e a Local, que governa uma área menor e geralmente se envolve em trabalho beneficente e comunitário. A Ordem admite voluntários que tenham a capacidade de servir, e aos seus membros incute-lhes a importância da busca do conhecimento espiritual.

7.3. Instituto de Investigação Templária *(Templar Research Institute - CIRCES International, Inc.)*

O instituto de Investigação Templária, uma ramificação do CIRCES, é uma organização educacional sem fins lucrativos e de caridade fraternal que se dedica à aplicação da doutrina baseada no Princípio da Divindade Feminina *(Divine Feminine Principie),* o qual é considerado pelos seus

membros fonte universal de toda a bondade, perdão, tolerância e amor. O Instituto está vinculado à Ordem Soberana do Templo Iniciático *(Order Souverain du Temple Initiatique),* a qual representa o seu coração espiritual. Para o Instituto, a espiritualidade templária é uma fusão entre a vida interior monástica de recolhimento (compaixão disciplinada) e uma vida exterior de trabalho cotidiano. Aqueles que pretenderem entrar na Ordem terão de estar preparados para servir ao próximo, ao mesmo tempo em que, cumprindo as leis que regem o país, não deverão abusar do seu poder. Em resumo, a espiritualidade baseia-se em quatro princípios: 1°) O poder e os ensinamentos que almejamos já se encontram interiorizados em todos nós; 2°) A espiritualidade é a expressão de tais virtudes; 3°) Procurar a melhor forma de expressar essas idéias de amor; 4°) Aquilo que nos separa de alcançar o essencial é a nossa psicologia pessoal. Como tal, a procura espiritual consiste na harmonização entre a psicologia de cada um e as leis do universo.

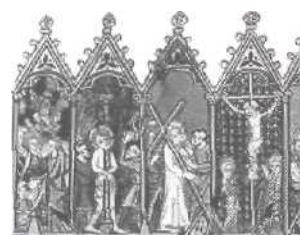
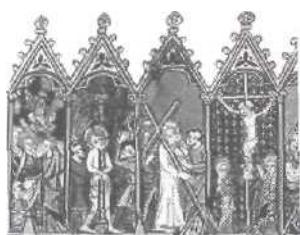
Todos os seus membros trabalham em regime de voluntariado e possuem duas sedes: uma em Paris *(Maison Chevetaine Internationale)* e, a outra, em Indiana, nos Estados Unidos da América *(Maison Chevetaine Nacional).* Seus membros procuram alcançar a iluminação pessoal. A preparação para o desempenho de funções na CIRCES/TRI *(Traditional Esoteric Organizations)* dura três anos, durante os quais o candidato recebe 33 cadernos correspondentes a um período de 33 meses. Findo esse prazo, o membro pode ser convidado a participar ativamente de suas várias atividades, como a realização de seminários públicos, conferências, simpósios, pesquisa médica, pesquisa matemática, análises econômicas, desenvolvimento de capacidades psíquicas, orações e meditação.

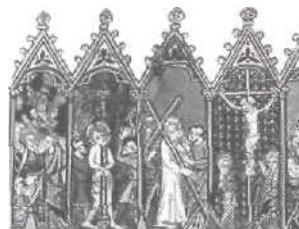
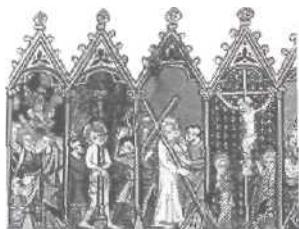
7.4. Rede Européia de Pesquisa de Herança Templária *(European Templar Heritage Research Network)*

A ETHRN é uma federação de escolásticos e de grupos de pesquisa cujos princípios são a procura de vestígios da era templária e a promoção de debates públicos, troca de informações e incentivos para a preservação de lugares e monumentos templários de interesse mundial. Tais objetivos estão evidentes no interesse dessa federação em adquirir antigos castelos templários. A ETHRN está apta a receber estudantes, estudiosos do tema, escolas e departamentos universitários, organizações arqueológicas e autoridades locais ou nacionais de turismo. Um dos benefícios de sua

adesão são as notícias relacionadas com a pesquisa na Europa, o fácil acesso às conferências da federação, assistência no desenvolvimento de estudos sobre o tema e oportunidade de participação em trabalhos relacionados com os templários, entre outros.

Trabalhando em cooperação com organizações internacionais como a UNESCO ou o Conselho Europeu, a ETHRN tem os seguinte objetivos e aspirações: trabalhar com indivíduos ou organizações por toda a Europa; criar uma página na Internet com traduções em diversas línguas; encorajar a realização de conferências; compilar uma bibliografia precisa; criar uma base de dados internacional sobre os cavaleiros templários e fazer um cadastro de estudantes, de estabelecimentos de ensino, de museus e de organizações que tomem parte ativa na pesquisa sobre os Templários.

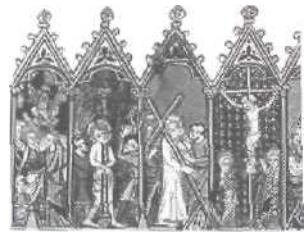
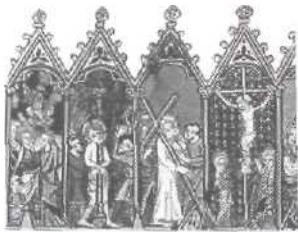
7.5. The Knights Templar (Os Cavaleiros Templários)

Ao contrário das organizações anteriormente mencionadas, as quais se preocupam em negar qualquer tipo de relação com a Maçonaria, os *The Knights Templar* afirmam que "todos os *Knights Templar* são membros da mais antiga organização fraternal, conhecida por *The Ancient Free And Accepted Masons,* mais comumente apelidados de *masons* (maçons). Contudo, nem todos os maçons são templários. O Templário é apenas uma parte da estrutura maçônica conhecida por *York Rite of Freemasonry".* Por isso mesmo, assume-se como organização fraternal cristã, fundada no século XI, e atualmente possui uma intensa atividade beneficente, sobretudo através da captação de fundos ao promover almoços, jantares e outras festas similares, para o apoio a grupos de jovens maçons ou para a entrega de milhões de dólares para o apoio à pesquisa médica e científica. Para isso utilizam duas ramificações: a *Eye Foundation,* que se dedica aos problemas relacionados com a visão e já destinou cerca de 35 milhões de dólares para tratamento médico de 44 mil pessoas; e a *Educational Foundation,* que deu início às suas atividades em 1922 e já doou mais de 32 milhões de dólares sob a forma de empréstimos a jovens carentes e com dificuldades financeiras para concluírem os anos finais de escolaridade.

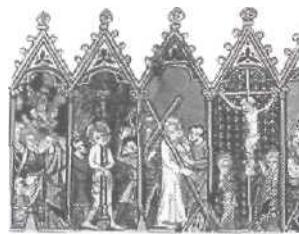
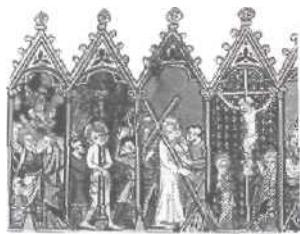
Em termos organizacionais, os Cavaleiros Templários possuem três grandes estruturas: a *The Grand Encampment of Knights Templar* é a Ordem que define os onze rituais que orientam toda a organização, nacionalmente; a *A Grand Commandery of Knights Templar* é a que

representa os membros nos estados ou em área equivalente; e a unidade local, ou *Commandery of Knights Templar.* Com elas seus membros orgulham-se de possuir cerca de 260 mil membros, divididos em mais de 1.500 *Commanderies,* encontradas nos Estados Unidos da América, na Itália, no México ou na Alemanha. Para ser um membro delas é necessário exercer a maçonaria e professar a fé cristã.

8

GRÃO-MESTRES DO TEMPLO

Hugo de Payns	1119-1136
Roberto de Craon	1137-1149
Everardo de Barres	1149-1152
Bernardo de Trémélay	1152-1153
André de Montbard	1153-1156
Bertrand de Blanquefort	1156-1169
Filipe de Nablus	1169-1171
Odon de Saint-Amand	1171-1179
Amoldo de Torroja	1180-1184
Gérard de Ridefort	1185-1189
Roberto de Sablé	1191-1193
Gilberto Erail	1194-1200
Filipe de Plessiez	1201-1209
Guilherme de Chartres	1210-1219
Pedro de Montaigu	1219-1232
Armando de Périgord	1232-1244
Ricardo de Bures	1244-1247
Guilherme de Sonnac	1247-1250
Reinaldo de Vichiers	1250-1256
Tomás Bèrard	1256-1273
Guilherme de Beaujeu	1273-1291
Teobaldo Gaudin	1291-1293
Jacques de Molay	1293-1314

FONTES

Não seria correto deixar de concluir esse livro sem fazer uma referência adequada às obras que mais contribuíram para a realização deste trabalho. *Os Templários,* de Régine Pernoud, foi, na verdade, esclarecedor ao dar ampla visão sobre o tema, sem contudo deixar de lado as minudências indispensáveis para a compreensão de alguma passagem obscura. *Os Templários,* de Michel Picar, embora menos pretensioso, tratou os fatos históricos de maneira conscienciosa e apaixonante. O autor de *Templários: os Cavaleiros de Deus,* Edward Burman, fez um tratado sobre o tema ao citar exaustivamente historiadores renomados de universidades dos quatro continentes. Finalmente, *Templários: Aspectos Secretos da Ordem,* de Eduardo Amarante, nosso patrício, revelou-nos a ligação misteriosa e secreta que seus cavaleiros estabeleceram com a nação lusitana.

Para o capítulo referente à cidade de Tomar, várias foram as obras pesquisadas, dentre elas a de José-Augusto França, *Tomar,* que me revelou algumas explicações históricas inéditas. No tocante ao capítulo sobre a presença da Ordem do Templo em Portugal e sua sucessora, a Ordem de Cristo, infelizmente, a bibliografia é escassa. Espero que o nosso modesto trabalho sirva de alguma forma como incentivo para que outros autores se debrucem sobre tão fascinantes histórias.

10

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Biblioteca Nacional e ao Real Gabinete Português de Leitura pelo acesso concedido aos seus acervos para o trabalho de consulta e reprodução de imagens.

11

BIBLIOGRAFIA

FERNANDES, Isabel Cristina; PACHECO, Paulo. As *ordens militares em Portugal e no Sul da Europa.* Lisboa: Edições Colibri e Câmara Municipal de Palmeia, 1997. 550 p.

FERNANDES, Isabel Cristina. *Ordens militares: guerra, religião, poder e cultura.* Lisboa: Edições Colibri e Câmara Municipal de Palmeia, 1997. 2. v.

DAEHNHARDT, Rainer. *Missão templária nos descobrimentos.* Lisboa: Quipu, 1999. 143 p.

LOUÇÃO, Paulo Alexandre. *Os templários na formação de Portugal. A.*[3] ed. Lisboa: Ésquilo, 2000. 327 p.

BOLETIM CULTURAL E INFORMATIVO [DA CÂMARA MUNICIPAL DE TOMAR]. Tomar: Câmara Municipal de Tomar e Gabinete de Educação e Cultura, (Coord.), 1981.

OLIVEIRA, Manuel Alves de. *"Guia Turístico de Portugal de A a Z."* [s. l.]: Círculo de Leitores, 1990. 344 p.

GOUVEIA, António Camões. (Coord.) *"D. Manuel I, a Ordem de Cristo e a Comenda de Soure".* Soure: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses e Câmara Municipal de Soure, 1996. 109 p.

VASCONCELOS, Maria Antônia. (Diretora e Ed.-Chefe) *"Portugal Misterioso".* Lisboa: Selecções do Reader's Digest, 1998- 373 p.

RIBAS, Tomaz. (Coord.), Lisboa: Círculo de Leitores, 1984. 172 p.

ATIENZA, Juan G. *A meta secreta dos templários.* Lisboa: Litexa, 1981. 257 p.

BRANCO, Manuel da Silva Castelo. *Inéditos da Ordem de Cristo,* de Frei Bernardo da Costa. Santarém: Assembléia Distrital de Santarém.

BURMAN, Edward. *Templários: os Cavaleiros de Deus.* 4.ª ed. Rio de Janeiro: Nova Era, 1997. 238 p.

COSTA, Frei Bernardo da Costa. *História da militar ordem de nosso Senhor Jesus Cristo.* Coimbra: Officina de Pedro Ginioux, 1771. 315 p.

ERDMANN, Carl. *A idéia de cruzada em Portugal.* Coimbra: Publicação do Instituto Alemão da Universidade de Coimbra, 1940.

FRANÇA, José-Augusto. *Tomar.* Lisboa: Editorial Presença, 1994. 135 p.

GUIMARÃES, Vieira. *Ordem de Cristo.* Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa, 1936. 486 p.

LAMY, Michel. *Os templários: esses grandes senhores de mantos brancos. 2-* ed. Editorial Notícias, 1999. 315 p.

MACHADO, F. S, de Lacerda. O *castelo dos templários: origem da cidade de Tomar.* Tomar: Comissão de Iniciativa e turismo de Tomar, 1936.

MAALOUF, Amin. **As cruzadas vistas pelos árabes.** Viseu: Difel, 1993.

MONTREYNAUD, Florence. **Dicionário de citações,** [s. I.]: Editorial Inquérito, 1991. 636 p.

OLIVEIRA, Manuel Alves de; Manuela, Rego. O *grande livro dos portugueses.* Lisboa: Círculo de Leitores, 1990. 518 p.

PERNOUD, Régine. **Les templiers chevaliers du Christ.** [s. I.]: Gallimard, 1995. 128 p.

———— Os **templários,** [s. I]: Publicações Europa-América, [199-]. 168 p.

PICAR, Michel. **Os templários,** [s. l.]: Publicações Europa-América, 1990.

SARAIVA, José Hermano. **História de Portugal.** Mem Martins: Publicação Europa-América, 1993. 595 p.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo. **História de Portugal;** *1080-1415.* 5.ª ed. [s. l.]: Editorial Verbo, 1995. 447 p.

TAVARES, Jorge. **Templários.** Porto: Lello *&* Irmãos Editores, 1984. 63 p.

TERSEUR, Françoise; Amarante, Eduardo. 5.ª ed. **Templários: aspectos secretos da ordem.** Edições Nova Acrópole, 1998. 79 p.

READ, Pears Paul. **Os templários.** Tradução de Marcos José da Cunha. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000. 368 p.

MACHADO, F. S. de Lacerda. **O castelo dos templários: origem da cidade de Tomar.** Tomar: comissão de iniciativa e de turismo, 1936.

RIBEIRO, Carlos Leite. "Tomar: cidade mítica". Revista **Rio** Total, [on line] Disponível na Internet via WWW. URL: www.riototal.com.br/leiteribeiro/. Arquivo consultado em 26 de janeiro de 2001.

HISTÓRIA

Neste valoroso estudo, Pedro Silva — autor português, nascido em Tomar, cidade templária por excelência — nos revela dois séculos de história da mais famosa organização religiosa e militar criada na Idade Média: Os Cavaleiros Templários, monges e guerreiros beligerantes na defesa da fé cristã. Fundada em 1119, a Ordem prosperou em riqueza e prestígio, tendo participação decisiva na consolidação do território português e papel importante no descobrimento do Brasil. Uma leitura imprescindível que nos transporta ao universo mágico desses misteriosos cavaleiros e suas grandiosas cruzadas.

Visite-nos: http://livros.ediouro.com.br

ISBN 8500-00757-5

9 788500 007576